

" Posso nunca ter escrito os versos perfeitos, mas nunca tive medo de tentar escrevê-los".

Marcos Bento



Governo do Estado do Espírito Santo

Governador José Renato Casagrande

Vice-Governador Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural Christiane Wigneron Gimenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos Ivete Paganini

Coordenador de Projetos Danilo Pacheco

Jornalista Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos Lívia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos Patrícia Soares Nelly Garcia

Por Trás do Espelho

SECULT Vitória - ES 2013

Secretaria de Estado da Cultura, 2013 Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL Márcia Selvátice Tourinho

REVISÃO Ronaldo Oakes de Oliveira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Comunica.com Natália Zandomingo

> CAPA Ricardo Gomes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Gráfica JEP

> TIRAGEM 1.000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) (Biblioteca Pública do Espírito Santo)

G216p Garcia, Emanuelle Fiorese

Por Trás do Espelho / Emanuelle Fiorese Garcia — Vitória: Secult - ES , 2013.

182p ISBN 978-85-6443-21-3

Literatura infantojuvenil. 2. Romance infantojuvenil.
 Titulo

CDD B869 9282

Palavra do Governador

A DEMOCRATIZAÇÃO DO LIVRO E DO SABER

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se – no campo cultural – uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entreos autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R\$ 3,2 milhões, foram elevados para R\$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.

Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESPÍRITO SANTO

Palavra do Secretário

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura, exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promoção da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios conteúdos e formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

> MAURÍCIO SILVA Secretário de Estado da Cultura

Sumário

Capítulo I, 13

Capítulo II, 19

Capítulo III, 27

Capítulo IV, 33

Capítulo V, 41

Capítulo VI, 49

Capítulo VII, 57

Capítulo VIII, 73

Capítulo IX, 81

Capítulo X, 101

Capítulo XI, 119

Capítulo XII, 129

Capítulo XIII, 133

Capítulo XIV, 149

Capítulo XV, 153

Capítulo XVI, 161

Capítulo XVII, 167

Despedida, 177



- Clara.

Uma voz quase inaudível arrepiou seus pelos, seu corpo amolecera.

O rapaz caminhou em sua direção, o rosto parecia petrificado, não disse nada, apenas a comprimiu entre seus braços e a beijou desesperadamente.

Olhou no fundo dos olhos dela, como de costume a sensação era que conhecia seus pensamentos, deu um áltimo beijo de despedida e subiu as escadarias sem dizer palavra alguma.

Clara buscou forças dentro de si mesma, esfregou a mão no nariz e secou as lágrimas, seguiu rumo ao ponto de ônibus.



CAPÍTULO I

Mais um dia. O despertador parecia insano naquela sinfonia desarmônica. Clara abrira os olhos e fixava o ventilador, ele girava devagar, um pouco fora de órbita, talvez não fora bem instalado.

O relógio continuava a despertar... Dez minutos se passara desde que iniciara sua sinfonia desarmônica e a menina continuava deitada. Seis horas e onze minutos, o limite... Agora teria que correr para não perder o ônibus escolar.

- Clara, pelo amor de Deus, eu tenho que me preocupar com você também? A sua idade já dá autonomia, não! — soou uma voz ensurdecedora. Dona Vilma era a mãe da menina, senhora de quarenta anos, refletia no semblante o rancor e o dissabor de uma vida de sofrimentos e privações.
 - Estou indo mãe.

O quarto era pequeno. Para uma pessoa era o suficiente, ou melhor, Clara aprendera a aceitar o que a vida proporcionava. No momento não poderia reclamar, seria injusto com sua mãe.

Sentou-se na cama e sentiu sua cabeça seguir o descompasso do ventilador. — "Mais um dia... Mais um dia..." — repetia para si mesma. Sentiu uma mecha de cabelo rolar sobre os olhos. Jogou-a para trás, mas novamente ela deslizou sobre sua testa e pousou em seus olhos. Buscando forças em um suspiro saltou da velha cama de madeira opaca e foi para o banheiro.

Em frente ao espelho do lavatório contemplava sua própria imagem. Havia algumas cicatrizes oriundas da acne que ainda insistia em permanecer em seu rosto. Gostava de seus lábios, achava-os carnudos, quando passava batom até se sentia bonita. Os cabelos eram ondulados e longos, os olhos castanhos como os de todo mundo não representavam formosura. Costumava sentirse mais uma Clara na multidão, como mais um "José" ou "Maria". As bolsas abaixo dos olhos lhe davam um ar sombrio, precisava de boas noites de sono para recuperar-se. Há cinco meses estava nessa maratona, pensava que não fosse conseguir suportar até o final. Mas era forte, tinha que ser forte! Precisava dar um novo curso a sua vida, não viveria com as cartas lançadas pelo destino, escreveria seu próprio caminho, mesmo tendo um alto preço a pagar. Não reclamava de sua situação, mas lutaría para mudá-la.

Cambaleou e segurou-se no lavatório, conseguiu voltar a firmar-se. Encarou novamente o espelho... Parecia existir um mundo paralelo dentro dele, sem dor, violência, preconceitos... Discriminação... Suspirou. E se Chenara tivesse razão? E se o destino fosse traçado e o homem não pudesse fazer nada para mudá-lo? Fosse apenas coadjuvante de uma trama já escrita e registrada? Tanta luta, tantas lágrimas... Tudo em vão...

Novamente seu peito doía, não conseguia explicar... Mas doía muito... A sensação era de solidão e tristeza.

— Garota, morreu? Você vai perder o ônibus... Pobre tem que

estudar se quer ser alguém na vida! Ou se esqueceu? — esbravejou mais uma vez Dona Vilma.

Em frente ao espelho só conseguiu balançar a cabeça, sentia falta de uma mãe, alguém doce, meiga. Que a entendesse de verdade. Mas não poderia culpá-la, a vida não fora amigável com Dona Vilma. — "O meio pode ser o responsável pelo perfil do ser humano." — lembrou-se do livro que lera sobre sociologia. Dona Vilma levara tantos bofetões em sua caminhada que se tornara essa pessoa amarga, sem brilho e hostil. Apesar de tudo era uma mulher guerreira, dera a volta por cima, era justo admitir. Hoje trabalhava em dois empregos para deixar a filha estudar e para por comida na mesa.

- Estou quase pronta, mãe. Vou pentear o cabelo.

Descendo as escadarias do morro a menina observava do alto o início de mais um dia de conflitos intermináveis em sua comunidade. Não era justo toda aquela miséria, a pobreza em que viviam as pessoas era desoladora.

Ouviu de trás de uma porta o início de uma discussão. Ecoavam vozes de um casal, seguidas por choro de criança. Parecia uma história sem final, as ilusões que carregava consigo se contrastavam com a realidade que dia a dia presenciava. Tinha apenas dezessete anos e desejava voar no imenso céu, ser feliz! Sentir o vento roçarlhe os cabelos. Respirou o mais profundo que conseguiu... Talvez apenas sobreviver fosse o suficiente.

Alcançando o último degrau sentiu um ardor percorrer-lhe o corpo. No corrimão que cercava as escadarias novamente estavam encostados aqueles três homens que vira na noite anterior, quando voltara do centro da cidade. Sabia perfeitamente que o morro tinha seu próprio código de ética: os membros da comunidade eram "gente nossa", ninguém poderia atentá-los sem que tivesse cometido algum crime. Mas, por que sentia essa sensação pela segunda vez? À realidade onde vivia já se acostumara, não poderia viver constantemente com medo, afinal, quantas descargas de adrenalina seu coração podería suportar por dia? Mas por que aqueles homens metiam-lhe essa sensação incômoda? Não conseguia controlar a intensidade de sua respiração, sentiu suas mãos gelarem e sua pele enrubescer.

— Bom dia. — disse um deles, era magro, pálido e mantinha as mãos dentro do bolso. O rosto trazia algumas marcas, pareciam cortes em forma de duas barras.

Clara acenou com a cabeça, mesmo após a saudação continuava a sentir-se estranha. Acreditava que eles tivessem percebido seu grau de excitação, era a explicação para aquela saudação. Normalmente eles não se pronunciavam. Os outros dois continuaram mudos. De repente percebeu aquele degrau se estender, adquirir quilômetros de extensão, suas pernas não a ajudavam, se recusavam a aumentar o passo, queria correr, mas algo a fazia permanecer ali.

Desviou o olhar do degrau e fitou a imensidão de mata que cercava a parte superior da comunidade. Respirou fundo, não conseguia voar, desejava precipitar-se daquelas escadas, havia ainda uma chance de ter um dom, nunca tentara voar, pular de algum lugar alto para constatar que realmente esse dom era somente dos pássaros, um poeta dizia: "Tudo vale a pena se a alma não for pequena", e se sua alma não fosse pequena? Por um momento sorriu de si mesma e suas idealizações, mas não fora o suficiente para esquecer a sensação que sentia.

Desceu finalmente o último degrau. Seu corpo relaxou e mais uma vez se sentiu viva. Apertou o passo, não poderia perder o ônibus.

Parou em frente a um banco de cimento todo pichado, precisava amarrar os cordões do tênis que nem notara que se esquecera de fazer ao sair de casa. Tudo cooperava para atrasá-la, enquanto amarrava-os sentiu novamente aquela sensação, sua pele enrubesceu. Olhou ao lado e dois daqueles homens que encontrara na escada passaram por ela. O terceiro, que a cumprimentara, não estava com eles, somente os que se mantiveram quietos enquanto ela passava. Engoliu em seco. Como explicar aquele ataque de emoções ao mesmo tempo sombrias e fascinantes. Precisava descansar, parar de estudar um pouco, talvez este fosse o sinal de que seu corpo estava no limite do cansaço. Pelo menos era a única explicação plausível para tudo aquilo



CAPÍTULO II

Jazer compras não era muito agradável. As vielas que davam acesso ao morro eram cortadas pelo esgoto a céu aberto e algumas vezes sem calçamento, o que comprometia a passagem nas épocas de maior incidência de chuvas. Nos dias chuvosos a comunidade não parecia ser habitada, era cortada apenas pela lama que se desprendia do chão, ou dos barrancos que sustentavam as casas.

 Vamos Chenara, antes que a chuva engrosse. — disse Clara, apressando a amiga.

Elas caminhavam pelas pequenas ruas carregando cada uma um saco de compras, seriam os mantimentos para toda a semana. Dona Vilma não tinha tempo para fazer compras e pedia a menina para comprar o necessário no armazém, era o único lugar onde comprava e pagava conforme podia. Nas compras aos sábados Chenara ajudava. Era uma boa amiga. Um pouco inconsequente, vivia a mercê dos fatos, vivia a brincar com a sorte. Mas era prestativa, sabia ouvir o silêncio.

A chuva aumentava, as sacolas de papel começavam a se desmanchar, o vento levava um pó fino para baixo da sombrinha, as compras pareciam decididas em saltar até o chão.

 Chenara, temos que esperar essa chuva passar. As sacolas estão se rompendo. — disse Clara.

- Aqui na frente tem o bar, anda mais rápido que a gente espera a chuva passar e toma um refrigerante!
- É mesmo. Corre que as laranjas vão cair! E você conhece a Dona Vilma!

A frase soou com tom tristonho.

- Sua mãe!

Apertaram o passo e chegaram ao pequeno bar, situado na terceira rua. Era pequeno e estranhamente estava fechado, normalmente àquela hora deveria ter homens jogando sinuca, e outros tantos sentados às mesas enferrujadas, tomando cerveja. Por que estava fechado? Não importava, era um abrigo da chuva. Pousaram as sacolas em cima de uma mesa de alumínio e procuraram um canto para sentar. As cadeiras estavam presas às mesas por grossas correntes de ferro, fechadas por cadeados. Havia uma poça no chão, não dava ao certo para definir o que era, bebida... Goteiras provavelmente. O bar fechado somavase às ruas vazias, realmente a comunidade não gostava de chuva.

- Nossa, estou molhada, a sombrinha não ajudou em nada. — concluiu Clara, passando a mão no braço para secá-lo.
 - Eu também, Clara, e estou com um pouco de frio.

Clara soltou os longos cabelos presos por uma caneta, passava os dedos entre eles a fim de desembaraçá-los. Estavam úmidos. Percebeu que a amiga sumira, não gostava de ficar sozinha, a dor no peito tentava atacar novamente.

- Chenara! Chenara!

Ela respondera do outro lado do bar, na parte detrás, um local desconhecido. Um velho marco de porta dava acesso ao local, nunca fora até lá, era o local onde as pessoas fumavam.

- O que você está fazendo aqui, Chenara?
- Olhando o lugar. Concluindo se realmente é um bom lugar para fumar.
 - Você não fuma! Para de falar asneiras, garota!
- Isso é você quem diz! gargalhou a menina, procurando algo no chão.
 - Procura o quê?
 - Vestígios.
 - De quê?
 - De qualquer coisa.

Chenara era baixinha, de cabelos curtos e terrivelmente loiros. Não era bonita, mas despertava olhares. Era engraçada. Elas se conheciam há pouco tempo. Quando os policiais invadiram o lugar, os alunos que voltavam para casa tiveram que esperar na esquina da entrada da comunidade. Assim se conheceram. Ficaram duas horas sentadas no meio-fio, Clara tirou da bolsa um dropes de bala e ofereceu à loira, ela aceitou e começaram a conversar.

As duas amigas tinham visões diferentes da vida. Para Chenara a vida era um livro escrito, traçado, onde os homens

eram apenas coadjuvantes de uma trama, não havia poder em alterar nada, apenas deixar-se levar pelas circunstâncias, era definido desde o nascimento de cada ser humano. Já Clara, idealista, sonhadora, sonhava em um dia ter dignidade para viver sem privações, sem discriminação, provaria para si mesma a força possuída em seu interior, um dia poderia ajudar sua comunidade, devolver-lhe a dignidade, seu povo não poderia ter medo de dizer onde morava. Ninguém deveria ser julgado devido ao local onde mora ou a cor da sua pele.

Clara novamente sentiu aquele ardor no rosto.

- O que foi, Clara?
- Não sei explicar. respirou fundo. Tenho me sentido assim algumas vezes de uns dias para cá. — e contou sobre os encontros que tivera dias atrás com os três homens, sobre as sensações estranhas. Passou a mão nos lábios e desceu-a até o pescoço — Acho melhor ir para casa e descansar, a chuva deu uma trégua.
 - Você está bem mesmo?
 - Sim, vamos?

Retornando ao salão na parte da frente do bar sua respiração acelerou, fechou os olhos e uma lágrima escorreu do canto de seu olho. A sensação de ela deslizar pelo rosto incomodava.

- Ryan? Você aqui? surpreendeu-se a loira.
- Chenara. a resposta foi seca e morta, o rapaz trazia na mão um molho de chaves, talvez fosse abrir o bar.

As pernas novamente não respondiam aos comandos, Clara tentava correr desesperadamente, mas elas não a obedeciam. Iria ter um infarto, não era possível seu coração acelerar tanto, estalava os dedos tentando acalmar-se. Seu coração parecia martelar na jugular, as pancadas da batida estalavam seu tímpano.

- Vamos, Clara?

Ela só consentiu com a cabeça. Não conseguiu pronunciar palavra alguma, estava petrificada, como uma criança tombou a cabeça de lado e roçou o rosto no ombro. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

Apanhou a sacola sobre a mesa e tentou caminhar até a extremidade do bar.

"Aquele rapaz novamente" — pensou. Era o mesmo que encontrara nas escadarias, e de outro encontro. Agora estava sozinho. Era a primeira vez que o vira só. Assombrosamente aqueles encontros causavam-lhe reações involuntárias. Então era isso, ele era o motivo de sua falta de controle, de seus sentidos se aguçarem. Mas, por quê? Não o conhecia. Nunca o vira antes em toda sua vida. Não, não era racional o que estava passandose com ela. Não havia explicação, simplesmente estava ficando louca? Sentiu vontade de chorar, mais uma lágrima saltoulhe dos olhos, gelada e traiçoeira. Estava impotente, não sabia defender-se.

- Droga! disse ela.
- Clara, você está bem? O que foi que disse?
- Nada, vamos.

Enfim chegou à entrada do bar, estava frente a frente com o rapaz. Por um instante foi obrigada a olhar-lhe nos olhos, um misto de paz, solidão e desespero mergulhou em suas veias e eriçaram seus pelos. Estava embriagada naqueles olhos profundamente negros. Ele enxergava a sua alma, sabia sobre seus temores, sobre o flagelo que a acertava às vezes que o encontrava. Deveria saber por que seu olhar era profundo, não somente seus olhos existiam ali, mas um poço cujo reflexo delatava quem os estivesse olhando. E outra lágrima formouse em seus olhos e se precipitou face abaixo. O grito preso na garganta estava sufocando-a. O encontro dos olhos permaneceu por pequenos segundos, cujo tempo excediam horas, dias. "O que era aquilo?"- perguntava-se Clara preparando-se para correr, jogaria a sacola que trazia nas mãos longe e correria para casa, para dentro do espelho. Isso, o espelho, precisava desesperadamente chegar até ele.

Uma brisa suave tocou-lhe as maçãs do rosto, desacelerou seu coração. Deu as costas ao rapaz e conseguiu sair dali. Agora um vento tocou sua pele, trazia um suave perfume adocicado.

— Você está muito esquisita, Clara. Realmente está se sentindo bem?

Seria loucura contar o que se passava em sua mente, em seu corpo. Ninguém acreditaria que a presença de um estranho provocava suas sensações. Diriam ser reflexos dos traumas de infância, estafa de tanto estudar, diriam mil coisas, não compreenderiam. Sorriu. Como exigir de alguém respostas se ela mesma não as possuía?

Foi um alívio pisar nos paralelepípedos mal colocados da pequena rua, nem as poças enlameadas representavam perigo, suspirou, estava a salvo. A chuva poderia recomeçar, poderia vir forte, desmanchar as sacolas, não mais importava, agora tinha controle sobre si mesma. Agora estava novamente no controle. Mas ainda desejava desesperadamente entrar no espelho.



CAPÍTULO III

 $M^{
m m}$ livro caiu da pequena mesa de fórmica. Não havia mais lugar para colocar os livros e as apostilas, as canetas, lápis e cadernos, tudo se espalhava pelo pequeno cômodo que carinhosamente Clara chamava de quarto. Era bem modesto, as paredes cobertas por uma tinta fina e envelhecida, um tom pastel. Algumas rachaduras aleatórias denotavam a grande quantidade de anos que elas sobreviveram, uma infiltração no canto superior esquerdo deixara o local meio amarelado. Dispostos no quarto estavam a cama, logo abaixo do ventilador de teto e da pequena janela de madeira rústica cheia de farpas, a mesinha de fórmica ficava do lado da porta com os livros obstruindo a passagem. O guarda-roupa era novinho, na cor tabaco, de seis portas trabalhadas na extremidade, uma saliência dava vida a pequenas e discretas rosas em todo seu comprimento. Ele era um contraste irritante a toda aquela miséria, fora presente de natal de uma das patroas de Dona Vilma. As vésperas da comemoração natalina a senhora Lourdes Fontanny pedira Clara para ajudar a fazer uma faxina em sua casa. Não tinha muito a ser feito, apenas organizar os closets das filhas dela. A mais nova, Angelina Fontanny, se casaria na semana seguinte e precisava levar suas coisas para a nova casa no litoral sul da cidade. Fora um dia produtivo, a menina ganhara algumas roupas de Dona Lourdes, Angelina decidira começar

a vida de casada também com roupas novas. Assim como Clara, Angel, como era chamada, tinha o corpo pequeno e atenuado, o que levou a patroa de sua mãe mandar recado acerca das roupas. No quarto também se encontrava um tímido criado-mudo com um porta-retratos em cima, de resina avermelhado, abrigando uma foto de família, pareciam felizes, seus rostos reluziam a luz do sol. No retrato, em volta de uma mesa preparada com diversos pratos e litros de refrigerante, eles posavam para a foto. Uma senhora de trinta e poucos anos segurava no colo uma menina de longos e ondulados cabelos castanhos, a sua direita estava um senhor de meia idade, forte, alto, barbudo, nariz grande, ele passara o braço em volta do pescoço de um rapaz moreno, de cabelos curtos. Eram quatro pessoas aparentemente normais e felizes. A julgar pela cena estavam em um churrasco de família.

- Clara, o jantar está pronto. Saco vazio não para em pé! —
 disse dona Vilma Estou indo trabalhar.
- Já vou, mãe. respondeu a menina, pousando o lápis em cima de um caderno de rascunho, soltando um suspiro profundamente amargo. Ela deveria ter se acostumado à dupla jornada de trabalho de sua mãe, a passar as noites sozinha, apenas em companhia de seus livros, todavia o som da porta batendo atrás das costas de D. Vilma fuzilava a noite, em seu peito a solidão começava a mostrar os seus sinais. O aperto na garganta começava. Clara correu para frente do espelho do banheiro, viu seu reflexo e as lágri-

mas brotaram de seus olhos. Estática frente à sua própria imagem, conseguiu mergulhar para dentro do espelho. Um lugar calmo, quente e feliz, ali a solidão não machucava tanto, a ausência não incomodava... Era seu mundo paralelo, o espelho, nada importava, absolutamente nada, ali era ela mesma, sem medo de errar... Talvez fosse esse o motivo de o espelho atrair tanto, a inexistência do frio, da dor, das lágrimas...

O espelho se tornara seu refúgio desde os seus dez anos de idade. Lembrava-se perfeitamente da primeira vez que mergulhara nele. Era um dia de sol forte, talvez meio-dia. Sua antiga casa, lá embaixo, na entrada do morro. Uma casa com terraço enorme, mas poderia ser tão grande porque aos olhos de criança tudo é grande demais. Tinha também um banheiro todo azulejado, eram azulejos azuis, onde uma faixa em forma de peixinhos percorria todo o espaço. Em sua visão de criança o banho era uma diversão. Os peixinhos em nado sincronizado levavam-na ao fundo do oceano... Era tão divertido ver a vida marinha... Encantador... Mas tudo se acabara, o terraço grande, os peixinhos... Desde aquele dia não fora mais ao fundo do oceano. Desde o dia em que seu Armando mais uma vez chegara do trabalho alcoolizado, contudo, desta vez seus olhos traziam uma sombra impenetrável, espessa. Cambaleando abrira a porta da sala com um chute forte, a marca da violência ficara cravada na parede atrás da porta, a tinta soltara e o reboco começava a aparecer.

—Você está em casa... — disparou o homem alto de nariz grande.

Dona Vilma estava no terraço estendendo roupas, assustada com o barulho desceu as escadas que ligavam o terraço à cozinha, desesperada. Ao chegar à sala deparou-se com o marido espancando o filho. Da boca do homem esquichavam-se palavras venenosas.

- Você não vale nada, moleque! Safado! A morte ainda é pouco para você!
- Armando, o que é isso? implorou a mulher arremessando-se em cima do marido — você vai matá-lo! Para pelo amor de Deus! — balbuciou freneticamente.
- Esse moleque safado é traficante, Vilma. disse, virando a cabeça e lançando um olhar gelado à mulher que inutilmente tentava desgrudar braços de ferro da garganta do filho Lá no bar estão todos comentando... Você viu o jornal? A morte daquele gari ontem ocorreu como pagamento de dívida de droga! E você sabe quem o assassinou? Sabe? o homem cada vez apertava mais a garganta do rapaz, este sem força não conseguia reagir ao peso em cima de seu corpo. A fúria refletida no semblante parecia queimar as bochechas de Armando. Sabe mulher? insistiu desgrudando do rapaz e agarrando abrutalhadamente a esposa, arremessando-a na parede.

O impacto fora tão forte que dona Vilma caíra desacordada.

O barulho no interior da casa atraíra a atenção dos vizinhos,

a gritaria era tão perturbadora que estes chamaram a polícia e aguardavam no portão da casa o desenrolar da situação.

Clara brincava no terraço de sua casa, tinha um quadro verde em que era professora, ouvindo os gritos de sua mãe foi correndo à sala. A cena que se seguiu foi desoladora, a menina viu sua mãe ser colocada em uma maca, ainda inconsciente, e levada para a ambulância, que esperava em frente ao portão marrom da casa. Na rua os vizinhos se amontoavam e continuavam acompanhando os fatos. Clara correu até a porta de saída da casa acompanhando o corpo de sua mãe. Uma senhora a abraçou com grande pesar. Voltando-se para o interior da sala a menina viu seu pai algemado com os braços para trás ser escoltado por dois policiais, um careca usando óculos e outro com uma cicatriz no rosto do lado esquerdo, perto do canto da boca. Um terceiro policial alto de olhos pequenos e incrivelmente pretos apanhou o lençol que cobria parcialmente o sofá e cobriu o corpo de seu irmão. A cabeça dele estava dependurada no braço do sofá enquanto uma das pernas estirada no assento e a outra caída, o pé tocando suavemente o tapete do chão.

Sem compreender exatamente o que se sucedera, Clara correu para o banheiro, trancando a porta de madeira atrás de si, deslizou brandamente pelo comprimento dela até alcançar o piso. Lembrou-se de um programa de televisão que assistira há alguns dias, era sobre técnicas de relaxamento e controle de tensão, trouxe

então à memória as palavras da terapeuta de cabelos acastanhados:
"... inspire o mais profundo que seus pulmões aguentarem, conte até três e expire, sinta seu cérebro ser oxigenado, sinta cada membro de seu corpo relaxando-se gradativamente..." — mas não estava dando certo, cada vez que o ar entrava em suas narinas seu corpo se comprimia mais, o sangue procurava espaço dilatando as veias e as mãos formigavam. As lágrimas encontravam a extremidade do seu maxilar e se precipitavam para o singelo short de poliéster, deixando-o levemente umedecido. Seus braços entrelaçavam fortemente as pernas encolhidas, era um pequenino corpo ocupando um espaço irrelevante do banheiro.

Nada estava dando certo, alguma coisa apertava-lhe a garganta e convulsivamente ela buscava por ar. Levantou-se e mais uma vez inspirou, seus olhos doravante fechados foram abertos vagarosamente, encontrando o espelho acima do lavatório. Viu sua imagem refletida no espelho. Sua garganta estava se fechando e começava a doer. De repente todo o conflito de emoções cessou, levantando o olhar percebeu que não estava no banheiro, não havia paredes com peixinhos, nem paredes, não havia nada... Somente paz... Uma sensação morna e tranquilizadora... Mergulhara pela primeira vez para dentro do espelho.

CAPÍTULO IV

Seu estômago estava emitindo sons constrangedores, a cabeça começava a doer. As treze horas se aproximavam e a fome era inquietante.

Dentro do transporte coletivo o cheiro de suor causava enjôo. Ele estava lotado, assim como o primeiro que passou em frente à escola e não parou. Por isso o atraso, deveria estar em casa há uma hora, mas tivera que esperar o próximo transporte para o seu bairro.

Os usuários do coletivo se seguravam na barra de ferro lateral do ônibus com apenas uma das mãos, assim era possível dar lugar a outra pessoa, porém tornava-se difícil equilibrar-se. A cada solavanco do ônibus era um efeito em cadeia: a senhora gorda do fundo se jogava em cima do rapaz de boné azul e grosso cordão de prata no pescoço que se jogava em cima de Clara. E o rapaz se aproveitava da situação, esfregava-se na menina. Mas reclamar não adiantaria, o máximo seria ele sorrir com sarcasmos, deixando-a ainda mais irritada.

Com a mão livre agarrou-se à mochila, colocou-a junto ao peito, era melhor ignorar toda a situação. Estava chegando a seu ponto, finalmente.

Saltou na esquina da entrada da comunidade. Até o odor característico do local era mais convidativo que o do ônibus. Suspirou aliviada.

Pôs-se a andar depressa, precisava chegar a casa e almoçar, a cabeça doía fortemente. Alcançou as escadarias e agora faltava pouco. Mas algo estava errado, muito silêncio, olhou ao redor e não viu ninguém, as crianças costumavam brincar nesses degraus, faziam deles suas casinhas e as escadas eram como prédios arcaicos divididos em apartamentos mínimos, talvez com um metro quadrado cada, com brinquedos espalhados pelo chão e roupinhas dobradas e sobrepostas.

Realmente algo estava errado, esse silêncio não era típico do local.

No último degrau Clara ouviu um barulho, um som abafado. Um som de bala cortando o ar. Em pânico a menina começou a correr incerta sobre qual direção tomar, não conseguira distinguir de onde partira o abafado barulho. E outro, e outro e agora as balas dançavam espalhafatosas no ar, impossível prever de onde vinham.

Seus pés se arrastavam pela falta de saneamento do bairro enquanto o medo a tonteava.

"O que fazer nesse momento?", pensou, "Continuar correndo ou deitar no chão e se agarrar a ele o máximo que puder?" Sabia que estava pondo sua vida em risco, mas continuou correndo, os barracos aparentemente vazios passavam por ela, eles também estavam com medo.

— Entre aqui. — soou uma voz.

Clara não conseguia saber de onde vinha a voz, sua cabeça girava alucinada, agora tinha certeza que temia a morte.

— Aqui.

Um vulto balançou um pano preto no ar orientando-a.

Clara entrou em um barraco de madeirite, as folhas de compensado imitavam paredes em um tom avermelhado. A luz era oriunda de uma lâmpada de 40 velas presa na parede por um prego enferrujado. Sentado em uma lata com arma em punho estava um homem, barba por fazer, e uma tatuagem que se iniciava no pulso e se perdia por baixo da manga direita de uma camisa verde escura nova. A menina tremeu ao perceber onde estava. Aparentemente a presença dela não significava nada para ele, pois nem um olhar lançara em sua direção. Era loucura, não conhecia aquele homem, fora ele quem a chamara? O desespero tomou conta do palpitar de seu coração. Suas sandálias começaram a molhar, percebeu um líquido que escorria pelo chão percorrendo o cômodo inabitável. Repulsivamente tirou o pé daquela água.

- Vocês estão doidos, isso sim. protestou uma voz feminina. — É encrenca.
 - Cale a boca, Lian. disse o homem com a arma em punho.
 - Você é Clara, certo?

A menina só conseguiu grunhir um sim inaudível.

— Sou Toledo. — disse um rapaz de cabeça raspada e cordão pendurado ao pescoço. — Conheço a Chenara — fez pausa dos carnavais da vida. — sorriu, agora embaixo da lâmpada, sendo possível ser visto.

Agora era possível identificar o dono da voz que a conduzira até ali.

 Não se preocupe, são alguns "trouxas" achando que vão tomar conta do morro. O Pintinho já está resolvendo essa situação.

Um arrepio gelado saltou da espinha da menina. O homem sentado em cima da lata continuava na mesma posição. Uma mulher alcançou o cómodo onde estavam, era ruiva, maquiagem forte abaixo dos olhos, usava um vestido lilás sobrepondo-se delicadamente as nádegas, suas pulseiras emitiam um tilintar a cada gesto que fazia. Aproximando-se era possível visualizar hematomas em seu braço. Clara teve a estranha impressão de já ter visto a mulher em algum lugar, o molejo em seus quadris se assemelhava a alguém que conhecia, tentou puxar da memória algumas respostas, mas foi inútil, enquanto sua mente denunciava conhecê-la seus olhos afirmavam nunca tê-la visto.

- Satisfeito, Toledo? A princesinha está a salvo! gargalhou ironicamente.
 - Não vou repetir, Lian. esbravejou o homem com a arma. Com ar de desdém Lian se virou e sumiu no interior do
 - Sente-se.

barraco.

Clara emudeceu. Havia morado sua vida toda na comunidade e nunca conversara ou mesmo vira aquelas pessoas. Por que Toledo era gentil com ela? Olhou para o banco mal pintado onde fora

convidada a sentar-se. Precisava correr, sem olhar para trás, sem respirar... Precisava lançar-se dentro do espelho.

- Você é muda? perguntou o rapaz careca sentando-se na extremidade do banco.
- Desculpe. suspirou, convencendo-se a conversar o mais natural possível.
 - Seu medo é normal. Mas só pensei em ajudá-la. Só isso.
 - Obrigada. É estranho, eu não me lembro de você.

O rapaz apoiou os cotovelos nos joelhos e fixou os olhos no chão, no corregozinho que a água fedida formava.

Não nos conhecemos. Bom, — hesitou por um momento
 ouço falar em você.

Clara não entendia que tipo de relação Chenara cultivava, nunca comentara sobre este rapaz, seria apenas um passa-tempo?

- Ela gosta muito de você.
- Ela é uma boa amiga.

O silêncio permaneceu por um período relativamente curto. O barulho dos projéteis no ar diminuíra.

- Como sabia quem eu era? Você disse que só me conhecia por palavras e descrições de Chenara.
- É suspirou hesitante como se escondesse algo ela soube detalhar você com precisão.

O argumento do rapaz não era convincente, mas não havia motivos para estender a conversa. Cooperar era a decisão certa no

momento. Percebeu que involuntariamente forçava as articulações dos dedos. Parou.

— Acho que posso ir. Não ouço mais tiros. — era um alívio sair dali, sua mente revivera todos os últimos noticiários que ouvira, cada fato relembrado paralisava-lhe um órgão.

Subitamente o alívio dera lugar à falta de ar, a palpitação no peito começava novamente e o chão girava.

- Tião, trabalho feito.

Novamente o rapaz que encontrara na escada... E no bar fechado no dia da chuva... Novamente as sensações assustadoras que a arrebatavam.

- Certo. o homem transpareceu alívio na fala, pousou a arma em uma mesa de madeira, ao lado de uma colher e um pedaço de vela usada. Pela primeira vez demonstrou notar a presença de Clara. Lançando um olhar gélido se levantou da lata — Você não se lembra de nada, nunca esteve aqui. Entendeu?.
- Sim. as palavras saíram falhadas, o ar faltou e as pernas bambearam. Era um sonho, melhor, um pesadelo, não poderia ser real. Antes enfrentar o ricochetear das balas nas poucas casas de concreto e correr até o seu abrigo, o espelho, a encarar aquele homem da tatuagem. Percebeu que o rapaz que trouxera a notícia estava encarando-a, e novamente uma lágrima se precipitou de seus olhos. "— Não, agora não. implorou a si mesma". Como poderia ser tão fraca?

Vai. — acenou com a cabeça o homem da tatuagem.

Clara sorriu friamente para Toledo e mesmo cambaleando tentou andar segura e confiante, suas pernas tremiam provocando ondas por todo o corpo. Agarrou-se à mochila que trazia nas costas e antes de chegar à porta suas lágrimas se derramaram. Estava aliviada por ver a luz do dia. Esfregou as mãos no rosto para enxugá-lo.

Vagarosamente as pessoas voltavam a transitar nas ruas estreitas da comunidade, algumas já estavam sentadas à calçada conversando, como se nada acontecera.

Sua cabeça doía ainda mais devido às lágrimas que acabaram de cair. Não estava mais com fome. Somente cansada, exausta.

Aproximando-se de casa ouviu murmúrios, seguiu as vozes e viu um aglomerado de pessoas em volta de um corpo. Melhor não chegar perto, entretanto, sentiu necessidade de ajudar, talvez chamar alguém para ajudar, mas a fala do homem de tatuagem a deixou terrivelmente assustada. Tomou seu caminho e foi para casa. Em sua memória soava repetidamente: "Trabalho feito... trabalho feito..."

Finalmente estava chegando ao espelho.



CAPÍTULO V

Afinal, conversar com Dona Vilma seria um desastre, certamente ela faria um sermão sobre todas as dificuldades que ambas passavam. Reafirmaria sua boa índole aos gritos e arrancaria da sepultura João Pedro, exemplo para a menina ficar longe de "certas pessoas da comunidade." — "Se você fizer o que seu irmão fez eu juro que não suporto. Não tenho forças para passar por toda a situação novamente." — era engraçado, um humor negro talvez, mas conseguia visualizar sua mãe despejando no ar todas aquelas palavras, aflita.

Contar para Chenara seria um desabafo, mas por que ela nunca comentara sobre os encontros, ou melhor, "as brincadeiras" que tivera com Toledo? Não era um relacionamento sério, como ele mesmo dissera, conheciam-se dos "carnavais da vida". Nada fazia sentido. Se foram "brincadeiras", por que ele gravava na memória as coisas que conversavam? Pelo menos ele lembrava perfeitamente do que Chenara contara a seu respeito, até mesmo de seu nome. Um leve calafrio arrepiou-lhe os cabelos do braço. Melhor esquecer o que acontecera. Mas e o rapaz que dera a notícia "Trabalho feito"? Não o conhecia e por que se sentia de forma estranha sempre que estava perto dele? De uma coisa tinha certeza, eram todos amigos: o rapaz, o homem da tatuagem, a mulher ruiva e Toledo.

Lembrou-se também do dia que ela e Chenara foram fazer compras e por causa da chuva entraram no bar fechado. Chenara cumprimentara o rapaz que ontem trouxera a notícia "Trabalho feito". De onde se conheciam? Suspirou, melhor esquecer todos esses encontros inesperados. Com sorte nunca mais encontraria nenhuma dessas pessoas.

 Clara, o jantar está na mesa. — gritou Dona Vilma da cozinha.

Sim, já vou.

Iria jantar e retomar sua rotina de estudos. Há alguns dias não conseguia se concentrar nos livros, precisava se esforçar para ser aprovada no vestibular, era seu futuro que estava em jogo.

Quando chegou à cozinha viu o vulto de sua mãe passando pela porta de acesso à rua. Mais uma vez ela iria trabalhar. A noite estava fria e ela vestira o moletom da filha para encarar a trajetória até a casa onde faria companhia à senhora durante a noite. O som da porta fechando-se remexeu o coração de Clara, ela estava sozinha, a garganta começava a ser pressionada e era preciso respirar fundo para continuar de pé.

Após comer, lavou as poucas louças que se depositavam ao fundo da pia e voltou para o quarto. Abriu o livro de Química Orgânica e começou a estudar as nomenclaturas.

- Clara! - Chenara chamava da rua. - Clara!

A menina fechou o livro em cima da velha mesa de madeira.

- Clara!
- Só um momento.

Ela vestiu um velho casaco preto, soltou os longos cabelos e foi abrir a porta.

- Olá!
- Oi, Chenara.
- Vamos dar uma volta?
- Desculpa, não posso. Estou estudando.
- Então por que você se arrumou?
- Eu não me arrumei!
- Seu cabelo está solto...
- E daí?
- Quando você está estudando seu cabelo fica preso.
- Eu não acredito que estou debatendo isso com você! sorriu.
 - Então, vamos?
- Ok! suspirou dando-se por vencida Só uma voltinha e depois retorno aos meus livros.
- Sim senhora! Longe de mim! N\u00e3o vou separ\u00e1-la de seus livros!

Ainda sorrindo Clara fechou a porta, forçou a maçaneta para confirmar se realmente estava fechada.

- Você é louca, se a chave rodou é porque fechou.
- Chenara, não me irrita! Ambas sorriram.

- Você precisa sair mais... Ser normal! disse irônica.
- Já te avisei, não me irrita.

O passeio que costumavam fazer era sentar na praça, a dois quarteirões da casa de Clara. As crianças brincavam no cercado de areia do pequeno parque, algumas se balançavam gostosamente nas poucas árvores que restavam e alguns adultos, um pouco mais afastados, sentavam-se nos bancos de concreto para beber cerveja e de vez em quando tocavam pandeiro.

O frio da noite queimava suavemente a pele branca de Clara.

Frequentava a praça desde sua infância. Sua mãe sempre a levava para brincar no pequeno círculo de areia. O local trazia boas recordações. Há sete anos sua vida era perfeita. Não entendia como em um espaço de tempo tão curto mudara tanto. Por um momento reviveu as carícias de sua mãe sentada à beirada do cercado de areia, elogiando seu castelo mal feito.

- Clara! estalou os dedos a amiga tentando trazê-la a vida real. Ela apenas sorriu. Sentaram-se em um banco cinza estampado com a propaganda de um supermercado no encosto.
 - Por favor, você pode ser uma boa companhia essa noite?
- Claro! Prometo que vou ser normal, como você vive me pedindo! — mas subitamente o coração da menina acelerou, palpitava de forma a se escutar as batidas. O ar tornou-se rarefeito e a sensação de desmaio era assustadora. "— Não..." clamou sem forças.

 Vou comprar um refrigerante. — disse Chenara, levantando-se sem olhar para a menina e perceber seu estado de aflição.

Agora estava sozinha, e as sensações ruins retornaram, eram as mesmas que sentia quando aquele rapaz se aproximava.

Sua cabeça girava descompassada, provavelmente estava louca e surtava de vez em quando. Já estava acreditando veemente que as sensações sinalizavam a presença do rapaz de olhos negros. Impossível, não sabia quem era ele, não tinha nenhum laço familiar, nada.

Estava louca.

— Oi. — era a mesma voz que ouvira no bar fechado no dia da chuva cumprimentando Chenara, e a mesma voz que dissera "Trabalho feito". — Posso sentar?

Ela deslizou os olhos para a direita. Mas foi preciso girar o corpo para ver o rapaz. Levantou-se assustada, deu um passo para trás e ignorou a vontade correr.

- O quê?
- Perguntei se posso fazer companhia a você? disse ironicamente.

Os pés da menina saíram do chão, sentia náuseas.

- Não estou sozinha. balbuciou, evitando encará-lo.
- Certo. Posso apenas sentar?

"Por que ele insistia?" Devia ter percebido que ela não fazia questão da sua presença. "O que havia de errado com ele, afinal?"

Uma voz de dentro de seu peito implorou para ele sentar e passar a noite ali, ao lado dela. Mas o seu lado racional foi mais forte:

- Já estou saindo. Pode sentar-se, claro. e forçou as pernas a fim de levantar-se.
- Vai embora por que eu estou aqui? perguntou tranquilamente, sentando-se no banco.

Já em pé ela apenas negou com o balançar da cabeça. Percebeu que deveria parar de morder o lábio inferior, ele estava levemente dormente.

— Tenho de ir. — concluiu sussurrando, tentando demonstrar segurança e força. Sua casa estava perto, o espelho se encontrava mais perto do que imaginava, com poucos passos estaria segura nele. Deu um passo, vacilou. Seus membros não queriam sair dali. Seus pés eram plataformas de concreto e dar um passo era uma tarefa árdua.

Esfregou uma das mãos no rosto e se preparou para correr, desta forma conseguiria juntar forças para chegar até sua casa. Um tremor percorreu-lhe o corpo. Uma inquietude assustadora. Sentiu um toque. A mão do rapaz segurava seu braço. Era grossa, e uma manga a cobria parcialmente.

Por favor, não vá. — pediu, segurando-a fortemente.

Seu corpo paralisou. Lembrou-se do dia do tiroteio. Lembrouse do comentário que o homem da tatuagem fizera. Mas ela não contara nada a ninguém. Não comentara nada, o que então ele poderia querer? Esses pensamentos deixavam-na em pânico.

O rapaz se levantou sem soltar o braço dela. Suas sobrancelhas eram fartas e delineadas e seus lábios vermelhos.

- Preciso conversar com você.
- Conversar comigo? um nó na garganta se formava e parecia atrapalhar a respiração.
 - Por favor...

Ela suspirou. Ela também queria ficar ali. Uma suave brisa trouxe o perfume dele até suas narinas. Era o mesmo cheiro adocicado que sentira no bar no dia da chuva.

Não conseguia mais lutar contra a sua própria vontade. Consentiu com um ligeiro inclinar da cabeça e engoliu em seco.

Sente-se, por favor.

Ao sentar pressentiu que ele não tirava os olhos do seu rosto, isso a incomodava. Tomou coragem e o encarou. Reportou-se ao bar fechado do dia da chuva, aos olhos profundamente negros. Seus olhos mergulhavam dentro dela, o instante era eterno e se sentia boba em derreter-se dessa forma. "E se ele dissesse que iria matá-la?" Talvez o homem da cicatriz o mandasse para isso... Sabia demais. "Mas meu Deus, sabia o quê — perguntou-se aflita?". Como podia sentir-se daquela forma se a morte poderia estar sentada ao seu lado?

A distância entre ambos era reduzida lentamente, o calor da respiração dele roçava a pele sensível acima da boca da menina. Um choque fez seu corpo estremecer quando ele agarrou em sua cintura.

Uma sensação deliciosa fundiu o espaço e tempo no momento em que Clara percebeu seus lábios tocaram os do rapaz. Não o conhecia, nem mesmo sabia seu nome. Um misto de sensações fez seu estômago gelar. De onde vinha àquela atração que sufocava a razão?

 Por que fez isso? — perguntou ofegante, ainda mantendo os lábios perigosamente perto dos dele.

Desta vez não só seu coração vibrava a ponto de ser ouvido, uma suave vibração emanava de dentro do peito daquele rapaz alto, magro, porém estranhamente atraente. Seus olhos eram negros, profundos como uma mancha de petróleo ofuscando a superfície das águas.

Ele apenas encarava sua boca. Clara sentia o calor da respiração dele agora em seus lábios.

- Não sei. - finalmente respondeu.

Nesse instante pode perceber que aquele rapaz se sentia atraído por ela, talvez não com a mesma intensidade que a corroia.

Isso é loucura... — sussurrou.

E novamente seus lábios se completaram. A mão áspera em sua nuca a pressionava, deixando-a ainda mais agarrada a ele. Aquele estranho acariciava tanto sua cintura que provocava calor. Desesperada, a menina respirou fundo e pôs-se a correr. Não poderia envolver-se com ele, nem mesmo manter-se perto, esta seria uma atitude sábia. Em meio a pensamentos confusos conseguiu chegar a sua casa. A dor no peito começava a incomodar, correu para frente do espelho do banheiro.

CAPÍTULO VI

Pela primeira vez em meses conseguira sair de casa sem estar atrasada, ainda faltavam trinta minutos para o ônibus passar, era bom não ter que correr. Ter tempo de sobra. Valia à pena acordar mais cedo e poder descer o morro tranquilamente.

Como sempre a comunidade acordava àquela hora, algumas crianças choravam por trás das mesmas portas de todos os dias, não importava se estava adiantada, as crianças sabiam que estava na hora de chorar. Poderiam ter acordado mais cedo também.

Nas escadarias o vento balançava-lhe o cabelo levemente, era excitante sentir o toque suave dele. Parou no degrau onde demarcava o meio da escada, debruçou no cercado de proteção e lembranças dos últimos acontecimentos passeavam em sua cabeça. Também se lembrou do vestibular que se aproximava, da necessidade de concentrar-se nos estudos e garantir um futuro diferente ao imposto pelo destino.

De onde estava conseguia visualizar do lado direito a extensão de Mata Atlântica que cercava a comunidade e por baixo todo o bairro, abarrotado de casas paupérrimas, umas encostadas às outras, com fios que emanavam dos postes de eletricidade caindo sobre as casas, como cascatas pretas. O cinza dos blocos de cimento e o vermelho dos tijolos se mesclavam nas construções das casas, alguns retalhos também se sobressaíam das janelas improvisadas dos barracos.

Gostava daquele lugar, era a sua casa. Até seus dez anos sua casa fora a casa de terraço grande, situada na primeira rua logo após o cruzamento da entrada da comunidade. Após os acontecimentos daquele meio dia, sete anos se mudara com sua mãe para uma casinha imediatamente acima da escadaria de acesso ao morro. Entretanto, muita coisa mudara nesse tempo, tanto em sua vida como no próprio cotidiano da comunidade. Ela se tornara mais perigosa, os conflitos para comandar as bocas de fumo se intensificaram, até a polícia subia o morro com mais freqüência, e consequentemente mais cadáveres eram expostos no chão.

Clara se via como um peixe nadando contra o percurso natural das águas, por isso ás vezes queria desistir, pensando que não conseguiria, deveria ser forte, mas em alguns momentos era impossível ser uma rocha. Era apenas um peixe exausto. Fraco.

De repente sua respiração faltou e ela sabia o que isso significava: coincidência ou não, sempre se sentia desta forma quando o rapaz estava perto.

- Não fuja novamente. disse apenas, alcançando o degrau onde ela estava.
 - Eu não fugi.
 - Não vai acontecer de novo.

"Mas eu quero que aconteça", pensou a menina. Razão e emoção se chocavam em seu interior, não conseguia dominar seu inconsciente, suas vontades.

— Meu nome é Ryan. — disse — Também gosto de debruçar nesse cercado e apreciar a vista daqui de cima. — completou — Pelo menos posso saber seu nome?

Os cabelos do rapaz brilhavam aos raios do sol que começavam a atingir a comunidade. Eram castanhos claros, levemente ondulados, um suntuoso redemoinho se fazia acima da testa.

- Não posso saber seu nome? insistiu.
- Clara.

Ambos olhavam para o horizonte, para além dos barracos lá em baixo.

Preciso ir.

Ele apenas sorriu.

- Não estou fugindo justificou meu ônibus já vai passar. — tentou explicar-se, percebendo que deixava a impressão de ser uma covarde.
- Prove que n\u00e3o est\u00e1 fugindo! lançou um olhar r\u00e1pido e malicioso.
 - Não entendi. respondeu, sentindo suas pernas bambearam.
 - Vamos conversar à noite.
 - Não posso, preciso estudar.

O rapaz ergueu as sobrancelhas e a menina explicou:

Estou estudando para prestar vestibular.

Uma mecha de cabelo caiu nos olhos dele, seus cabelos não eram compridos, mas suficientes para cobrir os olhos. Jogou-a para trás.

 Ok! Não vou incomodá-la mais. — ergueu-se do cercado e começou a subir os degraus que faltavam para chegar ao topo da escada — Tchau, Clara.

A menina esperava outra reação do rapaz. Novamente um beijo, um toque, uma demonstração de calor. Nesse momento percebeu quem ele era realmente. Lembrou-se do dia do tiroteio, ele fazia parte do grupo do homem da tatuagem. Pessoas perigosas, pessoas das quais deveria manter distância.

Lutava para convencer seu peito sobre a real face daquele rapaz dos olhos assustadoramente negros. Mais uma vez não conseguia controlar seus pensamentos. Sua dor no momento era dele não importar-se com ela. Desistira tão facilmente. Estava errada, ele não se sentia atraído por ela, o beijo da noite anterior fora apenas mais um passa-tempo em sua vida, regrada de assassinatos e drogas, concluiu.

Mo ônibus, voltando para casa, Clara revivia os momentos onde debatera a concepção de certo ou errado dentro dos campos da filosofia moral em sala de aula. Tentava compreender qual a relação existente entre o ser e o estar em relação ao indivíduo. Era instigante e complexo o comportamento humano.

- Clara, olá! disse, esquivando-se de alguns passageiros e alcançando o assento da colega.
- Oi, Chenara. Você nesse ônibus? O que aconteceu? Resolveu assistir a última aula? comentou irônica.

A loira já se acomodara no assento ao lado e colocara a mochila sobre as pernas.

- Engraçadinha... Acho que não se esqueceu da última vez que assisti a todas as aulas... — fez pausa abrindo a mochila rosa surrada e tirando de dentro um pacote de chips pela metade, amarrado por um elástico. —Aceita? — ofereceu.
- Claro que não esqueci! Afinal foi o dia que nos conhecemos... Não vai dizer que há relação entre a polícia invadir a comunidade e você assistir a última aula? — perguntou, pegando um chips.
 - Não sei, mas melhor não fazer o teste! completou rindo.
- Mas não entendo... sorriu levemente como consegue sair todo dia antes das aulas terminarem?
- Garota, sou uma ótima atriz! Um dia estou com enxaqueca, no outro cólicas insuportáveis, a ponto de eu ter náuseas. — sacudiu os ombros, como se fosse natural tudo o que narrava.
 - Você é cara-de-pau!
- Mas eu prometo uma coisa, se hoje tivermos que esperar novamente na entrada da comunidade nunca mais assisto a todas as aulas! — afirmou, veemente.
- Aquele dia foi uma casualidade, não tem relação alguma com você.
 - Sei lá!

Ambas sorriram. Chenara concebia umas idéias malucas, mas falava de forma a convencer qualquer ouvinte desinformado.

O percurso seguiu sem imprevistos, não havia trânsito e em poucos minutos as meninas chegaram ao seu ponto final.

Na descida do ônibus Clara pode ver a amiga dando uma leve piscadela para o trocador, que um pouco desconfortável sorriu.

- O que você fez? indagou já caminhando.
- Nada.
- Você é louca! Sabia que todos os dias eu volto da escola nesse ônibus com o mesmo motorista e o mesmo trocador?
 - Sei.
- "Sei", você diz! Você piscou o olho para o trocador! Quem fica com vergonha sou eu! — disse, rosando levemente as bochechas. — Não sei o porquê de eu ainda sair com você!
- Porque você me ama! gargalhou Bom, pelo menos eu não o beijei! — disse, com ar de insinuação — Talvez da próxima vez...
 - Chenara!

Nesse momento já estavam nas escadarias da comunidade.

- Sobre ontem, você viu?- continuou
- Claro! Mas não quis atrapalhar. Beijar na boca relaxa, sabia?

Clara ficou ruborizada. Lembrava-se que a amiga cumprimentara Ryan no bar, no dia da chuva. Pensou em pedir informações sobre ele, mas hesitou. Não criaria expectativas inúteis, nem poderia, iminentemente ele representava riscos, e sua postura hoje pela manhã demonstrara que ela estivera errada em seu julgamento, ele não estava interessado nela. Cometera um erro.

Trouxe à memória o homem da tatuagem com a arma na mão e as palavras ditas pelo dono daqueles olhos assustadoramente negros "Trabalho feito." Um arrepio percorreu-lhe as costas.



CAPÍTULO VII

espiu-se vagarosamente, estudara a tarde toda e um banho seria uma forma de aliviar a tensão que sentia nos ombros. O banheiro era pequeno, e o box era um quadrado apertado, mal dava para se virar. À direita, pendurado na parede, encontrava-se uma cantoneira portando um xampu e um creme condicionador com enxágue. Ao lado, um pequeno resquício do que fora um sabonete uns dias atrás. A bucha vegetal estava dependurada a uns centímetros acima.

Ao abrir o registro do chuveiro uma agradável sensação de relaxamento tomou conta de seus membros, a água quente escorregava agradavelmente por seu corpo, aliviando toda tensão. Permaneceu ali imóvel um longo tempo. Cuidou para não pensar em nada, apenas relaxar.

Enrolou-se na toalha e cuidadosamente começou a passar creme para pentear nos cabelos, mecha por mecha, um ritual cuidadoso. Um agradável aroma emanava do pote de creme.

Caminhando para o quarto ouviu alguém bater à porta.

— Só um momento. — indagou-se quem poderia ser. Dona Vilma saíra para o trabalho a algumas horas, e ela tinha sua própria chave. Desde o início do inverno ela entrava no serviço mais cedo, pois a senhora com quem passava a noite temia o escuro e pedia para ela adiantar o horário. Chenara nunca batia, sempre gritava

seu nome. Não estava esperando visitas. Achou estranho.

Rapidamente colocou um vestido lilás de algodão com preguinhas modestas e estampa em forma de bolhas de ar na água.

Chegando à porta o ar faltou. Sorriu, "quando aquilo acabaria?", se perguntou. Suspirou ansiosa, a visão do rapaz penetrou-lhe a memória. Seus olhos eram inconfundíveis, assustadores. Voltou ao mundo real, "Como sabe onde eu moro?" Engoliu em seco, uma faca afiada desceu em sua garganta e as pernas bambearam. Por que não conseguia manter-se longe dele? Mas afinal, quem era o protagonista da aproximação? Quem iniciava as conversas? Ela não o procurava, mas sempre estavam próximos, inconscientemente próximos. Apoiou-se na parede gelada, o ar pregava-lhe uma peça, procurava-o, mas não se deixava encontrar. À porta sentiu mais desconforto, mais uma vez chamaram, abriu-a finalmente.

- Nossa!
- O quê? perguntou, constrangida.
- Você é ainda mais linda com o cabelo molhado. ele finalizou. Sua voz era a mesma dos outros encontros, porém pela primeira vez a menina pode sentir emoção na entonação. O perfume adocicado dele penetrou-lhe nas narinas alusivo ao vinho Sauternes. Perfeito. Embriagante.
- Obrigada, respondeu, corando. Não conseguia entender como mais uma Maria poderia chamar-lhe a atenção. Não havia nada de interessante nela. Definitivamente não era bonita, ele es-

tava sendo educado. Quantas mulheres interessantes ele já conhecera, o elogio se transformara em ofensa. A menina se encolheu timidamente.

— Você disse que estudaria agora à noite, mudou de idéia?

Ela imaginava onde esta conversa chegaria. Novamente seus olhos suplicaram para ele permanecer ali o resto da noite, junto a ela, acalmando seu insano e frágil peito.

— Por que a pergunta? — tentou passar-se por distraída. Temia qualquer palavra que pudesse pronunciar, sempre confiara em si mesma, porém algo nele despertava sua irracionalidade.

A pouca luz oriunda dos postes de iluminação proporcionava um ambiente de penumbra, insegurança.

- Por que você veio aqui? arriscou-se em perguntar.
- O rapaz soltou um suspiro audível, trazia nos ombros um fardo visivelmente penoso. Esfregou a manga comprida da camisa azul marinho no nariz.
 - Vamos andar um pouco? convidou.
- Você não respondeu minha pergunta. insistiu, a brisa noturna fez seus pêlos se enrijecerem.

"Quem era o estranho parado a sua porta?" se perguntava, o jeans surrado de sua calça transparecia sua austeridade, não se importava com o que os outros pensavam a seu respeito. Por um momento desejou ser como ele, não se importar. Todavia era fraca, sua autoavaliação a levou a amolentar-se. Viu-se uma criança

indefesa a mercê das maldades do mundo.

- Desculpe-me, mas não posso. estava disposta a findar a conversa e resguardar-se nos livros, quem sabe o espelho se fizesse necessário.
- Por que você foge de mim? Nem me conhece? Não vou te fazer mal.
 - Eu não fujo. mentiu ela.

Os olhos do rapaz novamente pareciam enxergar dentro de sua alma, descobrir seus temores. Era uma estranha atração, um tanto sombria.

 Dê-me uma chance. — sua voz era suplicante, um tanto doce, doce como seu perfume.

O pedido assustou Clara, o que significava? Queria conhecêla? Namorá-la? Apenas passar tempo? Sentiu sua cabeça girar fora de órbita, uma moleza contagiou todo o seu corpo, percebeu sua arritmia. Podia acompanhar o estrondo acelerado de seu coração.

- Você está louco! disse movimentando a cabeça desordenadamente — Preciso entrar. — deu uma delicada mordidinha no canto do lábio inferior — Tehau.
- Não vá! Por favor, Clara, vamos apenas conversar... Apenas conversar — enfatizou.

Mas suas pernas estavam arraigadas, não conseguia sair do lugar. Uma dormência tomou conta delas, tremeu. Temeu beijálo novamente, temeu envolver-se com ele, temeu suas próprias

ações, não podia confiar em si mesma, disso tinha certeza. Desabou na calçada tosca margeada por lodo, mesmo em época de frio chovia constantemente, as chuvas empossavam a água nos orificios da colcha de cimento formando lençóis de lodo seco por toda a extensão.

A menina sentou em cima das pernas dobradas para o lado, era uma posição incômoda, entretanto necessária por causa do vestido.

— Eu não vou fazer nada, eu prometo. — afirmou o rapaz. Você não precisa ter medo de mim. — sentou na calçada ao lado dela. Sua zona de aproximação era perigosa, excitantemente perigosa.

Um estalo anunciou mais uma lâmpada queimada no poste da rua, ficou ainda mais escuro, até aquele momento era possível visualizar a fachada da casa da garota, agora apenas vultos. As janelas velhas feitas de madeira eram apenas sombreados em frente a casa. Clara mantinha a porta aberta, a luz acesa da cozinha dissipava debilmente o negro da noite.

Um som ensurdecedor atravessou o céu.

- Tiros? disse apoiando as mãos no chão para levantar.
- Não se preocupe, são os morteiros, os "olheiros"...
- E se for à polícia?
- Não, hoje eles estão "corujando"... e percebendo a indagação no rosto dela completou — deixa pra lá ...

Era estranha aquela conversa, as gírias...

Lembrou-se de seu pai. Há tempo não o via, sete anos. Nunca fora ao presídio visitá-lo, as lembranças guardadas dele não eram agradáveis. Alcoolizado, transformava o lar em um verdadeiro inferno. As brigas eram constantes, reportou ao dia que sua mãe quebrara o braço. Em um ataque de fúria ele chegara do trabalho alcoolizado, Dona Vilma perguntara onde estivera até àquela hora e apenas a audácia da mulher em lhe cobrar respostas fora suficiente para iniciar uma briga. Palavras ofensivas machucavam os ouvidos até que ele a empurrou, chamando-a de mediocre. A mulher caíra no degrau que dava aceso a área de serviço e ao terraço, seu braço se deslocara, sofrera uma fratura. Para acobertar o marido Dona Vilma contara, para os vizinhos e até para o Pronto Socorro onde fora atendida, que passava pano na casa no momento da queda, devido ao piso molhado batera com o braço no degrau da escada.

"Oh Deus, por que estava sentada ali?", cobrava-se. Por causa de pessoas como ele sua vida transformara-se em um abismo. Odiava-se por tê-lo beijado, por estar ali sentada ao seu lado. A imagem de sua mãe penetrou-lhe a memória como uma bala queimando ao estilhaçar a pele. Nada diminuía a queimação, o olhar dela de desaprovação e decepção fez aquele projétil explodir, contaminar sua carne, ser quase impossível sua retirada.

Mas algo nele a atraía, era mais forte, viciante. Seus olhos...

Desejava sua companhia, seu toque... "O que estou fazendo comigo mesma?" — desesperou-se. Ele sabia onde morava, estaria

segura? Seria vigiada? Visualizou uma enorme teia, atrativa, luzida e terrivelmente perigosa, e ela estava se emaranhando nela.

 N\u00e3o respondeu minha pergunta, por que voc\u00e9 foge de mim? — retomou a conversa.

Ele estalava os dedos como uma criança insegura procurando uma forma de aliviar sua tensão. Sentado ali não representava risco, apenas seus olhos intimidavam, escondiam algo que Clara apenas em imaginar estremecia.

— Droga, garoto! — desabafou em tom rude — Pelo amor de Deus me responda o que você quer de mim! — enfiou os dedos pelos cabelos ainda molhados e reclinou a cabeça nas palmas das mãos — O que você veio fazer aqui? — Eu não o conheço, até então nunca o vi aqui no morro... De repente apareceu... — não conseguiu terminar a oração, a voz falhou em meio às lágrimas que absurdamente escorriam por sua face. Novamente odiou sua fraqueza, odiou suas lágrimas, desejou correr e enterrar-se no espelho.

Ele se manteve calado, apenas ouvia o desabafo da menina que emergia da garganta dolorida devido ao choro.

— Boa noite! — cuspiu resignada, levantando-se. Entrou e bateu a porta atrás de si com força a ponto da chave pular da fechadura, caindo em cima do tapete da cozinha. Ainda soltou um rugido e pegou a chave para trancar a porta.

(...)

Jazia alguns dias que não encontrava Chenara, passara a semana toda e nem vestígios da loira. "Acontecera algo?"

Desde o dia da brincadeira com o trocador não a encontrou mais. Nos dias subsequentes à piscadela que a loira lançara para o pobre trocador ele encarava Clara sempre que embarcava no ônibus, era como se procurasse alguém. Obviamente seus olhos queriam pousar naquela loira que chamava a atenção, mas após se frustrar por dois dias esquecera-se do ocorrido. No primeiro dia, após o fato, Clara evitou olhá-lo, apenas de relance, no momento que ele recebia o dinheiro do passageiro e catava as moedas do caixa para dar o troco, depois se acostumou. Afinal, ela não fizera nada.

Decidiu ir à casa da amiga.

Fazia alguns dias que também não via Ryan, desde o dia que perdera o controle na porta de sua casa. Percebia o papel ridículo a que se prestara. Desejava apagar todos os momentos de sua vida em que dividira com ele. Ainda restava uma chance, e grande, dele enxergar suas imperfeições e afastar-se dela.

Nesse momento ela não poderia perder tempo com situações que a dispersassem, a cada volta do relógio significava menos tempo para estudar. Decidiu-se, não pensaria mais nele, no homem da tatuagem e nem em Toledo, afinal, na comunidade, mesmo que você não queira todos se conhecem, de uma forma ou de outra. Chegava a acreditar na hipótese de ser paranóica, remoia fatos simples transformando-os em verdadeiras tempestades. Com certeza mais uma vez estava fazendo isso.

Não estava certa se a casa de Chenara era àquela a sua frente. Sem embolso os tijolos ficavam a vista e algumas gretas brilhavam, deixando sair o clarão do interior da casa. As janelas eram apenas cavidades cobertas por mantas desbotadas e não costuradas, cujos fios se desprendiam, uma em tom alaranjado e outra um preto queimado de sol. A porta era maciça, pintada de cor de abóbora, alguns furos eram perceptíveis, talvez cupim.

Só fora uma vez à casa da amiga. Na ocasião ajudara a levar umas sacolas de roupas doadas por uma ONG à família, eram três pessoas, Chenara, a mãe e a avó. Hoje moravam apenas ela e a mãe. Dona Silvia era uma mulher alta com os cabelos também de um amarelo intenso, aparentava ter uns trinta e cinco anos. Usava as roupas da filha e trabalhava como caixa de um supermercado no centro da cidade. Era uma boa pessoa, mas se envolvia com os homens errados. Seu último namorado quase lhe privou a liberdade, ele vendia produtos que interceptava de pequenos furtos. Com a solidez do relacionamento começou a levar para a casa dela aqueles presentes, até o dia que fora descoberto. No retorno do trabalho, Dona Silvia encontrou três viaturas da polícia em frente a sua casa. Fora até a delegacia prestar depoimento. O antigo namorado ainda se encontrava preso.

Atualmente namorava um senhor recatado, Clara os vira uma vez na rua. Passava temporadas na casa dela, desaparecia por semanas e iniciava o ciclo novamente. A avó de Clara se mudara para a casa de

outro filho no estado vizinho, sentia-se um fardo nas costas da filha que, sozinha, sustentava a casa. A senhora era aposentada, todavia vivia a base de remédios, não podiam contar com seu salário.

Clara se aproximou da janela e chamou a amiga. Alguns segundos depois viu a cortina ser levantada e uma cabeça sobressair.

- Clara? perguntou surpresa.
- Olá! Posso entrar?
- Claro. disse desconcertada. Seu tom de voz denotava insegurança. Um sorriso entre os lábios brotou forçosamente. pode entrar. — e agora apareceu na porta que acabara de abrir-se.

Na ocasião que ajudara a trazer as roupas ela não entrara na casa da amiga, apenas deixara a sacola na calçada e Chenara as levara para dentro.

A porta se abria diretamente para a sala. Um cômodo pequeno, com dois sofás xadrezes, uma mesa suportando uma televisão grande e desta saíam fios da antena que sumiam em um orificio na parede. No canto esquerdo uma pilha de roupas dobradas em cima de uma cadeira.

- Fiquei preocupada, por isso vim. Você sumiu a semana toda. Chenara apenas sorriu, escondia alguma coisa.
- O que você tem?
- Nada, Clara. desviou o olhar para o programa que passava na TV.
 - Caso queira conversar...

Nesse momento a loira se jogou em prantos no sofá. Tentava abafar o choro com as mãos abertas sobre o rosto.

A reação da amiga a deixou encabulada e preocupada, algo sério acontecera. Não sabia como consolá-la, via à sua frente uma criança que misturava lágrimas e catarro ao desespero refletido nos soluços profundos. Sentou-se ao lado dela e afagava-lhe docilmente os cabelos curtos.

- O que houve?

Suspirou fundo oscilando, não conseguia controlar as lágrimas que escorriam por seu rosto. Esfregou as pontas dos dedos nos olhos.

 — Minha mãe, Clara... — e novamente a sala ouvia seus soluços. Acenou com a cabeça para um cômodo ao lado da cadeira que suportava as roupas dobradas.

Clara se levantou do sofá e caminhou hesitante até o local. Mordeu o lábio inferior e por um momento cerrou os olhos. Procurou por forças e entrou no cômodo. Era pequeno também, de paredes pintadas de um azul ralo e uma lâmpada lânguida no centro de uma das paredes. Tinha apenas uma cama de casal e uma mesinha.

- Dona Silvia. - chamou baixinho

A mulher virou o rosto em sua direção, dando um sorriso fraco. Deitada na cama e coberta por um lençol gasto, trazia no rosto fortes hematomas e arranhões. Seu olho esquerdo estava inchado e seu lábio superior cortado.

Aproximou-se da cama, ajoelhando-se ao lado da mulher.

— Meu Deus, o que aconteceu?

O canto direito dos lábios daquela mulher se elevou suavemente, demonstrando uma tristeza incerta. Não era a Dona Silvia que Clara conhecia, uma mulher forte, bonita, cuja presença era marcante. Apenas parte de um ser destruído sem motivo e reduzido a estatísticas de algum tipo de violência.

— Estou bem, Clara. — declarou.

Ainda fungando Chenara entrou no quarto e se sentou na cama, do lado aposto onde estava a amiga agachada. Pegou na mão da mãe e a beijava carinhosamente. O silêncio era a forma de demonstrar os sentimentos pelo quadro de convalescença.

A mulher soltou um gemido no momento que tentou sentarse na cama. Sua filha pediu que continuasse deitada.

- A Chenara contou o que aconteceu? perguntou envergonhada.
 - Não, Dona Silvia, mas não precisa dizer se não quiser.

Por um momento os olhos da mulher percorreram todo o quarto, fez força para engolir em seco.

— Nesse momento toda a comunidade deve saber... — lamentou-se — você sabia que eu estava grávida, Clara?

A pergunta foi mais uma surpresa guardada para aquela noite triste.

- Não. respondeu sem reação.
- É... a voz de aceitação daquele martírio assustava, era

como se já estivesse escrito para acontecer na vida de Silvia. "Será que ela pensava como a filha? Somos meros espectadores de um destino já traçado?" se perguntava Clara — Eu estava de três meses... A ideia de ser pai deixou o João feliz... — uma lágrima solitária escorregou de seus olhos. — Ele aparentava estar feliz! Beijava a minha barriga...

Chenara deixava transparecer algo em seu olhar, escutava a mãe falar, mas parecia estar com o pensamento longe.

— Ele chegou naquela noite novamente com os olhos vermelhos, como se fossem saltar... — a pausa denotou frustração — e eu não consegui fazer nada! — sua voz se tornara um choramingo melodioso. Chenara se acomodou na beirada da cama — Eu não consegui fazer nada! Nada, Clara! — era nítida a expressão de desapontamento e incompetência que emanava do olhar da mulher. — E, — finalmente encerrou — ele me chutou até eu abortar a criança. — um fardo saiu dos ombros dela.

Clara tentou disfarçar, mas seu estômago revirou. "Oh Deus, por que ela trazia aquele tom de culpa? Fora a vítima e não o algoz... Um trauma como esse e ainda sentir-se culpada", pensou. "Aquele senhorzinho não se revelava um homem agressivo, era discreto..."

- Não, Dona Sílvia, a senhora não tem culpa de nada! e apertou-lhe a mão.
- Tenho Clara... as outras vezes eu consegui me proteger... Ninguém ficava sabendo de nada! — sorriu como se estivesse en-

torpecida — mas quando eu mais precisei... Fui fraca...

— Deus! A senhora foi à vítima! Não a culpada! — exclamou acariciando a mão da mulher.

Ela somente balançou a cabeça discordando.

- Posso fazer uma pergunta, Dona Silvia? —pediu, recuperando o tom de voz normal.
 - Pode disse fungando.
- Por que a senhora continuou com ele mesmo após as agressões? Por que não o denunciou à polícia ou terminou o relacionamento?

A mulher fechou os olhos e sorriu, percebeu o que a menina insinuava.

— Porque eu o amo, Clara. — e fugiu envergonhada a sua mão da mão da menina. Virou-se para o lado da filha. Nesse instante Chenara lançou um olhar maternal para a mãe, beijou-lhe a testa e saiu do quarto.

Clara roçou suavemente a mão no antebraço de Sílvia e também saiu. Neste momento percebeu que sua mãe também acobertava as maldades do marido. Pode enxergar. Uma tristeza profunda emergiu em seu peito

Chegou à sala e encontrou a amiga assistindo ao mesmo programa de antes. Sentou-se ao lado dela e manteve o silêncio. Na tela da televisão uma menininha loirinha cantava em um programa de calouros.

- Agora ele deve estar morto. disse com voz fria.
- O quê? surpreende-se apavorada. Sobre o quê você esta falando, Chenara? — disse, temendo ouvir a resposta.
- O João... e balançou os ombros para frente e para trás, no mesmo ritmo.

Clara jogou as pernas em cima do sofá, virando-se completamente para o lado da amiga.

- Você não está falando sério...
- Acabou... e continuava fixando a televisão.
- Jesus Cristo... soletrou cerrando os olhos o quê você fez, Chenara! — sua voz saiu tremida.

A loira não esboçava reação. Era uma árvore seca no meio do terreno queimado.

— Eu não fiz nada. O Toledo foi quem fez.

Aquele nome a reportava ao barraco no dia do tiroteio, realmente ele e a loira se conheciam, pior, eram cúmplices em um assassinato.

- Essa foi a maior idiotice que você já fez.
- Como você reagiria vendo um canalha tentando matar a sua mãe? fuzilou as palavras, olhando mecanicamente nos olhos da amiga Se ele fumava o problema era dele...

 Mas a situação estava longe demais... No início ele chegava aqui em casa com aqueles miseráveis olhos vermelhos... Não

fazia nada. Mas deve ter passado a usar alguma coisa mais forte, a agressão era contínua, até... — Hesitou — eu devia ter tomado essa decisão antes. — concluju friamente.

Clara não sabia o que dizer, abraçou a amiga que continuava virada para a televisão. Sentiu vontade de levá-la para o espelho também.

CAPÍTULO VIII

os olhos frios de Chenara e a convalescença de Dona Silvia eram cata-ventos girando alvoroçados na tormenta de seus pensamentos. Não conseguia entender o porquê de aquela mulher sofrer tanta violência e ainda se culpar. Por que não denunciara seu algoz? Antes acobertava suas atitudes argumentando ter um amor prejudicial a sua própria saúde. Não fazia sentido... Sua mãe também agira assim durante anos, até o ápice do delírio de Sr. Armando — a morte de Pedro.

A vida era uma selva, ninguém tinha dó nem piedade de ninguém.

E quanto a Chenara? Tinha seus defeitos, era inconsequente, mas não uma assassina. Entretanto, agora seus olhos ficaram frios, irreconhecíveis.

A noite caía mansamente sobre a comunidade, algumas crianças brincavam nas estreitas ruelas. O clima era agradável. Finalmente a menina viu a porta de sua casa. Observou o varal ao lado da parede externa cheio de roupas, era ela quem deveria ter lavado as roupas, e sua mãe mais uma vez fizera o trabalho.

Como já era noite Dona Vilma não estava em casa, apenas um bilhete pendurado na geladeira lembrava de pagar, no dia seguinte, o armazém. O dinheiro estava embaixo da toalha de plástico que

cobria a mesa de quatro lugares na cozinha. Em cima do fogão apenas uma panela de pressão, certamente continha alguma espécie de sopa, era a refeição preferida da mãe dela, gostava de picar legumes em quadradinhos e misturá-los a um copo de arroz, não temperava muito, dizia que as vitaminas do caldo eram suficientes para o organismo, o paladar era segundo plano.

Enquanto caminhava pela sala sentiu o ar se tornar rarefeito, a mão começou a apertar-lhe a garganta e a menina recostou na parede fria, deslizou até o chão e escondeu a cabeça entre os joelhos. Chorava. Não podia fazer nada além de chorar. Chorava por Chenara, por Silvia, por si mesma, por sua mãe... Apenas chorava. Arrastando-se alcançou o espelho do banheiro.

Paz.

Agora, mais calma, iria para o quarto retomar aos estudos. Daria uma olhada superficial em Química Orgânica, era uma matéria extremamente fácil. Se todas as matérias fossem fáceis...

Pegou o lápis e começou a fazer em um caderno de rascunho as ligações do Carbono.

— Droga. — a ponta do lápis quebrou. A ansiedade corroia seu peito. Alguma coisa dentro de si mesma agitava-se compulsivamente. Queria alcançar o céu e o inferno ao mesmo tempo, tocar na neve e queimar os dedos nas lavas do centro da terra. Suspirou esfregando as mãos suadas no rosto. Precisava concentrar-se e retomar a calma. Traçou uma linha imaginária no meio da parede

marcada pela infiltração e começou a contar... Contaria até perceber que estava calma, poderia chegar a mil, mas recobraria o equilíbrio. Por que estava dessa forma se acabara de voltar do espelho, questionou-se. Não poderia deixar nada arrancar-lhe a atenção...

— Quinze, dezesseis, dezessete... — retornou a contar.

Ouviu um barulho e se assustou pulando da cadeira. Um livro caiu de sobre sua mesinha de fórmica fazendo um som abafado. Levantou-se e foi verificar se a janela de seu quarto estava realmente travada. Além da janela existia um mundo imensurável e distante... Gostaria de por apenas um dia ser outra pessoa. Passear pela praia à tarde contemplando o crepúsculo, apenas sentindo o contato da areia nos pés, fazer compras no shopping, comprar a roupa que vestisse melhor, onde se sentisse bela e atraente... rir, rir bastante longe da realidade da comunidade, do mau cheiro do esgoto a céu aberto, das drogas, das brigas...da morte. O rosto de Chenara emergiu em meio aos pensamentos. Levou a mão à boca e estremeceu, como estava sendo egoísta, pela primeira vez se preocupava apenas consigo mesma. Em que adiantaria sair da comunidade e ter uma vida diferente se o que mudara fora apenas ela, as pessoas que deixara para trás sofriam da mesma forma. Temeu se tornar mais uma fatalista, enxergar a situação e apenas lamentar, não, não deixaria isso acontecer com ela, tentaria ajudar a comunidade de alguma forma, mesmo que

fizesse o mesmo trabalho do beija-flor na história contada pelo professor de Direitos Humanos. Cada gotinha de água levada até a floresta em chamas significava a resignação em ver seu lar ser consumido... Sua comunidade.

Novamente o ar faltou, o coração descompassado a amedrontou.

- Oi.

Uma descarga de adrenalina amoleceu seu corpo. Virouse rapidamente. Deu alguns passos para o lado, esbarrando na mesinha de livros e derrubando os demais livros no chão. Não se preocupou em pegá-los, precisava fugir.

- Calma, não vou machucá-la.
- Como você entrou aqui? perguntou, tentando controlar os tremores que insistiam em controlá-la.
- Tenho os meus meios. ele respondeu, seus dedos deslizaram pelo comprimento de seus cabelos, retornando para o redemoinho acima da testa.
- O que você quer aqui? espremeu-se contra a parede na inútil tentativa de empurrá-la.

Não havia para onde correr, ele estava em pé à porta, usava sua camisa verde de punho que cobria quase toda a mão. Encostado no marco não se incomodava com o desespero da menina. Fixava-a, cada passo era acompanhado por olhos assustadores. Os mesmos olhos que ela relutava em esquecer.

— Por favor, vá embora! — implorou olhando para a janela.

Ryan respirou fundo e serpenteou em direção a ela, cada passo diminuía a distância e aumentava o perigo. Um perfume adocicado contagiou o quarto, a menina se embriagava no misto perigo e desejo. Ele parou.

A proximidade deixava-a completamente petrificada. Pensamentos monstruosos se alojavam em sua cabeça, em meio a nuvens sombrias criava imagens embaçadas do que lhe poderia acontecer nesse momento. O espelho estava muito próximo, precisa ter forças para se esgueirar e chegar até ele. Trancaria a porta do banheiro e estaria segura e novamente em paz.

Por favor! — ela apenas balbuciou.

O silêncio dele a desesperava. "O que estaria pensando?" Tentava se lembrar de onde deixara o celular. Era uma forma de pedir socorro, ligaria para alguém assim que se trancasse no banheiro. "Se eu gritar ninguém vai me ouvir, a casa está toda fechada", pensou desesperada.

Apenas alguns centímetros os separavam, o sabor do beijo daquela noite na praça se chocou com o desespero que ela sentia. Ele continuava calado, seus olhos se refletiam nos olhos dela, ele sabia do pânico estampado neles. Sua boca roçou suavemente o pescoço da menina, que umedeceu os lábios com a ponta da língua.

Não... — sussurrou.

Tirou as mãos dos bolsos e adentrou os dedos nos cabelos dela, era possível sentir a quentura de sua mão. Massageava com as

pontas dos dedos o couro cabeludo.

Clara sentiu seu corpo ser pressionado contra a parede, o perfume adocicado penetrava por suas narinas embaralhando seu discernimento.

— Por favor... — conseguiu sair de seus braços, porém seu corpo não permitiu que seu plano fosse posto em prática, já quase perto da porta parou. Era uma atitude insana, talvez fosse a única chance de salvar-se.

Novamente ele caminhou em sua direção, desta vez a rodeava aspirando seu cheiro. Com a cabeça em posição altiva analisava cada detalhe da garota.

- Por que n\u00e3o aproveitou para correr? sussurrou ao ouvido dela.
 - O que você quer de mim? conseguiu encará-lo.

Clara se acostumava à forma como ele andava em círculos a sua volta, mas agora não aparecera a sua frente. Com olhos atentos o procurou e notou sentado em sua cama.

Com as mãos arraigadas ao lençol da cama continuava a observá-la. A manga de sua camisa cobriu-lhe toda a mão. De um salto equiparou-se a ela, que estremeceu dando um passo para trás.

— Você me atrai... — seu nariz roçou o dela e ela pode sentir o calor de sua respiração.

Clara ainda sentia medo, mas a atração pelo rapaz era mais forte.

— Persegue em pensamentos... Inferno, garota! — afastou-se.

Ficou de costa para ela com uma das mãos esticada e apoiada na parede. A cabeça deitada no braço. Confuso com seus próprios pensamentos. — A pergunta que você me fez no dia que sentamos aqui, em frente a sua casa... Lembra?

Ela apenas assentiu, continuava no meio do quarto, observando-o. Reportou-se ao dia da qual ele comentara, envergonhava-se, perdera o controle.

 Você lembra? — insistiu rispidamente, virando-se e caminhando até ela.

Novamente a menina assentiu com a cabeça. Agora o pavor tomara conta de seus membros e a vontade de correr e sair dali retornara. As lágrimas rolavam incontroláveis pelo rosto. Entrelaçou os dedos e pode perceber como suas mãos estavam geladas. Apoiou os cotovelos na cintura e respirava alto. Novamente estava cara a cara com aquele estranho, agora no seu próprio quarto. A única informação que tinha dele era o nome Ryan, apenas isso sabia, além de estar convencida de sua participação com os "donos" do morro. "Trabalho feito", essa frase a atingiu como uma lâmina afiada, significava a morte das pessoas da outra comunidade, e hoje? Quem morreria? Temia as possíveis atrocidades sofridas até que a morte chegasse e de uma vez fizesse seu sombrio trabalho.

O rapaz mordia fortemente o lábio inferior, os dentes pareciam fincados na sensível pele da boca.

— Eu quero ficar com você! Eu preciso ficar perto de você!

— falava e esfregava a boca na dela — É isso que eu quero. Não!

— gritou jogando a cabeça para trás e cerrando os olhos — eu não quero, eu preciso... — voltou a encará-la muito próximo.

— Desde o dia que a vi não esqueço seus cabelos voando ao vento naquela maldita escada! — seu descontentamento explodiu em um beijo ardido, esperado e surpreendentemente suave. Seus corpos espremiam-se.

Clara não conseguia esboçar reação alguma, nem pensava em sair daqueles braços.

CAPÍTULO IX

aula terminou rápido, as duas primeiras foram de Física
Quântica e as duas últimas de Biologia. Clara gostava de
Biologia, especialmente a parte relacionada à tipologia sanguínea,
se não fosse apaixonada por Serviço Social pudesse até cursar
medicina se especializando em hematologia.

Já no ônibus revivia os fatos da noite anterior, Ryan fora embora logo após o beijo. Apenas dissera tchau e saíra pela porta, que novamente se mantivera fechada após a saída. Esse jeito de invadir as residências deixava a menina assustada. Nada representava barreira ou dificuldade para quem dominasse a arte de transpor portas sem nem ao menos fazer barulho.

"As declarações feita por ele mudariam alguma coisa entre os dois?" se perguntava. Uma coisa era certa, ele também não entendia o porquê da atração que sentiam, e essa mesma atração muito o incomodava. Temeu não vê-lo mais, temeu esses últimos dias serem apenas um divertimento de um rapaz estranhamente irresistível e perigoso.

Pensou em sua mãe, se Dona Vilma soubesse que um homem invadira sua casa certamente enlouqueceria, especialmente se esse homem tivesse alguma relação com os traficantes do morro.

Afundando-se na poltrona do ônibus viu o olhar de reprovação e decepção de sua mãe. Notou ao seu lado, na fileira

de poltronas além do corredor, dois jovens rindo e conversando, pareciam felizes, a menina aparentava dez ou onze anos, de cabelos acobreados e desgrenhados, o rapaz talvez dezesseis ou dezessete anos, no rosto também trazia uma pinta grande abaixo do queixo, como a menina. Tentou prestar atenção ao que conversavam.

- Acho que o papai vai gostar do presente.
- Poxa, custou R\$42,00 como não gostar, Didi?
- É, ele estava precisando de uma carteira. Mas Lucas, a mamãe vai dar um presente também, não vai?
- Acho que ela comprou um cinto e um par de sapatos, eles combinam com aquela blusa listrada dele. O velho tem que andar arrumado, maninha!

Ouvir aquela conversa deixou a menina triste, lembrou-se do Dia dos Pais, no próximo domingo, desde a morte de Pedro ela não via seu pai. Dona Vilma fora duas ou três vezes ao presídio, nas primeiras semanas após a tragédia, depois nem mesmo tocava no nome dele. As vizinhas chegaram a perguntar, mas vendo a rispidez da mulher nunca mais tocaram no assunto.

A menina sentia saudades do pai, do irmão, da família de sete anos atrás. À medida que o tempo se alongava as poucas recordações de seu peito como fumaça se dissipava.

Lembrava-se de Pedro abraçando-a, sentados no canto da cama quando Sr. Armando chegava alcoolizado em casa. O rapaz trancava a porta do quarto e cuidava da irmã, fazendo dos braços

muralhas para protegê-la. Por dez anos aqueles braços eram os muros que revestiam o reino contra as malvadas magias da bruxa Zilu, como nas histórias lidas por sua mãe antes de dormir. Pedro fazia falta, muita falta. O carinho de sua mãe também. Passadas as brigas ela era uma mulher carinhosa e afeita aos filhos, e preparava o jantar do marido com a resilhiência de uma boa dona de casa, sua doçura levava todos a esquecerem do ocorrido.

—"Esquecer-se do ocorrido." — repetiu em voz alta. Agora podia entender porque Dona Sílvia suportava calada a agressão do companheiro, Silvia e Vilma compartilhavam de uma crença que tudo voltaria ao normal passadas a dor e a raiva. Isso acontecia em sua própria casa, como fora estúpida em não compreender a pobre Sílvia.

O solavanco do ônibus arrancou-lhe de seus pensamentos, saltou em seu ponto e pôs-se a andar. Uma leve vertigem cambaleou-lhe as pernas.

- Posso acompanhar você?
- Pode. Clara se alegrou, a noite passada não ficara apenas em suas memórias, não apenas um sonho: uma realidade compartilhada.

Ryan estava esperando-a na esquina de entrada da comunidade. No céu azul o sol queimava pouco mais da metade do dia. Porém o rapaz usava uma camisa preta de manga longa. Os cabelos despenteados o deixavam ainda mais bonito.

 Fale a verdade, você me segue desde quando? — perguntou brincando, mas com uma pontinha de medo.

— Eu não sigo você. É um tanto pretensiosa, não?

Clara sorriu, sua resposta a surpreendeu. Ele era diferente.

— Como sabe a hora que salto aqui no ponto de ônibus?
Onde moro...

Ele não respondeu. Continuaram andando, estavam nos últimos degraus das escadarias, quase à porta da menina.

- Vejo você na festa? perguntou, encostando-se ao poste na divisão da calçada.
 - Festa?
- É, na quadra, comemoração ao Dia dos Pais. Não sabia? disse em tom irônico — Todos sabem!
- Não, eu não sabia afirmou grosseiramente Ou eu deveria saber da festa? — enfatizou.
- Calma sorriu foi só um convite, se não quiser ir, tudo bem. — balançou os ombros e começou a andar em sentido as escadas.
 - Talvez eu apareça.

O rapaz não respondeu nada, apenas continuou caminhando, ignorando a resposta que recebera.

Clara foi para seu quarto, jogou-se na cama, não quis almoçar. "Por que eu não disse que queria ir com ele?" odiou-se.

Sem perceber pegou no sonho.

"Mais uma discussão. Um copo, brinde de uma promoção de bebidas, foi arremessado com violência contra a parede da cozinha, Dona Vilma observava petrificada os inúmeros cacos espalhados

pelo chão. A mesa estava posta para o jantar, quatro pratos com garfos, facas e agora apenas três copos na seqüência. O cheiro apetitoso da polenta com carne moída no refratário sobre a mesa era convidativo. O arroz soltinho e branquinho acompanhava o estrogonofe de frango em uma travessa ao lado da polenta. Na jarra de suco de laranja as pedras de gelo dançavam suavemente no pouco espaço que tinham.

— Vá chamar seus filhos, o jantar é sagrado em qualquer família que se preze. — esbravejou Sr Armando sentando à mesa no lugar, que segundo ele, era destinado ao provedor da casa. Apoiou o boné sobre as pernas e aguardava impaciente a chegada dos filhos.

Dona Vilma depressa foi ao quarto onde Clara brincava com suas bonecas.

- Minha filha, eu chamei você para jantar, por que ainda não foi? Seu pai está bravo esperando você e seu irmão.
- Estou indo, mamãe. A Kéti precisava jantar primeiro. disse, apontando para a boneca com a mamadeira na boca.
- Sim, vamos agora, ela vai dormir. e carinhosamente pegou na mãozinha da filha e a conduzia para a cozinha.
 - E o Pedro, Clara, ainda não chegou?
 - Não sei, mamãe.

A senhora expirou decepcionada, o jovem sabia que o pai fazia questão da família reunida nas refeições. Preparou-se para ouvir a explosão do marido.

Na cozinha o cheiro da comida continuava a chamar para o jantar.

- Cadê o Pedro, Vilma?
- Está no banheiro lavando as mãos, querido. Dona Vilma mentiu, implorando que o filho chegasse logo da rua.
 - Podemos pegar a comida, papai?
- Temos que esperar o Pedro, uma família tem que fazer as refeições juntas.

Vilma impaciente olhava a rua pela janela de metalão pintada de preto. Se Pedro não chegasse imediatamente não apenas um copo seria quebrado. Se Armando, por não ver os filhos esperando-o sentados à mesa, já reagira daquela forma, a ausência de Pedro implicaria em um desastre.

- Vou ao banheiro apressá-lo. disse a mulher saindo da cozinha. Na porta da sala olhava freneticamente cada pessoa que despontava na esquina da rua. Ao longe avistou o filho correndo. Acenou esbaforida na ânsia dele chegar mais rápido.
- Você estava lavando as mãos, vá sentar à mesa e peça desculpas ao seu pai pela demora. Depois conversamos. sussurrou aliviada. O jantar correu tranquilamente e isso deixou Vilma aliviada."

O estampido de um rojão acordou Clara, que se sentou na cama lembrando-se do sonho. Não era justo sua mãe sacrificar-se tanto para satisfazer os caprichos de Armando. Porém, ainda assim sentia saudades da grande casa de terraço da rua debaixo.

Precisava comer, não almoçara e uma leve dor de cabeça incomodava.

Remexeu nas panelas e fez uma omelete. Na geladeira um copo de suco de uva e umas fatias de queijo, pegou-os.

Passaria o resto da tarde estudando. A noite iria a tal festa, também precisava divertir-se. Chenara vivia dizendo "Você precisa se divertir". Sentia falta da amiga. Não a via mais no ônibus, desde a visita à sua casa não se encontraram mais. Por algum motivo Clara temia as loucuras que a loira de cabelos terrivelmente amarelos pudesse fazer.

Acabou de comer e voltou para o quarto, o vestibular estava próximo. Tinha medo de perder a oportunidade, a possibilidade de não passar na prova representava um fantasma assombrando-a constantemente. Um ano perdido...

- Clara, você está em casa? emergiu uma voz da cozinha.
- Māe? Aconteceu alguma coisa?

A senhora jogou o casaco sobre a poltrona de chita cor de abóbora e vasculhava as gavetas da velha estante à procura de um documento.

- A senhora está procurando o quê? questionou a menina.
- Minha Carteira de Trabalho. A Senhora Lourdes Fontanny pediu minha Carteira de Trabalho para assiná-la.
 - Que bom, mãe!
- É. a senhora se acostumara aos percalços da vida, nada mais era visto como motivo para alegrar-se.

Clara sentia pena da mãe, deveria estudar e dar a ela melhores condições de vida. Mais um motivo para ser aprovada no vestibular. Reescreveria a história de sua família, tentaria resgatar a alegria de viver que as dificuldades roubaram de sua mãe.

Deixou a mãe procurando o documentou e voltou aos livros.

A noite caiu de repente. Não ouvira sua mãe sair. A festa na quadra do bairro começaria em poucas horas. Foi tomar banho.

Enrolou uma velha toalha felpuda no cabelo e sentada à frente do guarda-roupa tentava combinar uma blusa e uma saia. Passando os olhos em uma saia de brim pregueada no comprimento sorriu, lembrando-se da bota que também ganhara da jovem e rica Angelina Fontanny. Era bom vestir o mesmo manequim dela.

Olhou-se no espelho, estava bonita, porém não era a Clara. Entre a bota de cano longo e a saia de brim se podia ver sua perna. "Como se defender do mundo não sendo você mesma?", perguntou-se.

— Clara, posso entrar?

A voz era de Chenara, saiu correndo até a janela.

- Chenara! Pode entrar! correu para cozinha a fim de abrir a porta — Você sumiu amiga! Fiquei preocupada.
 - Agora estou bem. encerrou a conversa friamente.

Clara percebeu o tom de voz da amiga, não teceu comentários, nem mesmo perguntou se sua mãe estava melhor.

— Você também vai à festa?

Como você diz, preciso me divertir.

Chenara sentou na cama observando atentamente as roupas penduradas no cabide através da porta aberta do guarda-roupa.

- Acho que essa blusa completa o seu novo visual. apontou para uma tomara que caia preta de busto esfiapado.
 - Essa?
 - —É.
- Muito chamativa. disse olhando-se no espelho após vestir a blusa.

Chenara deu de ombros. Abriu a mínima bolsa de mão que trazia e tirou um batom. Deslizou suavemente sobre seus lábios.

Passa. — ordenou.

A menina o pegou e esfregou nos lábios. Era da cor e do aroma de pitanga.

Seus lábios são muito bonitos, precisa pintá-los mais vezes.

A voz de Chenara retalhava a amizade que elas tinham, era seca, mais parecia uma estranha. Era desconfortável.

- E você e o Ryan, estão juntos?
- Não. tentou ser convincente.

A loira se levantou e foi para a janela, apoiou os cotovelos na base de madeira e continuou falando:

- Sei que estão saindo. Ele é gente boa.
- Como sabe? interrogou temendo ser esse o comentário da rua. Deveria ter sido mais cautelosa, esquecera-se dos olhos dos vizinhos.

Relaxa. Beijar na boca não mata ninguém.

Do jeito como Chenara falava a vida não passava de puro prazer. Isso assustava.

- Pronta? Vamos?

Saíram. A noite convidava para um passeio, a lua nova e festeira no céu atraía, não havia nuvens, ela reinava solitária.

Já na rua era possível ouvir o som emitido pela quadra no cume do morro. Clara nunca fora até lá. Um frio na barriga de insegurança fez a garota estremecer, Dona Vilma por hipótese alguma poderia voltar do serviço. Ela não sabia onde a filha fora. Nem poderia saber.

Chenara sacudiu os cabelos curtos gostando do visual desgrenhado.

Muitas pessoas faziam o mesmo trajeto das duas. Em sua maioria desconhecidos. As casas àquela altura da comunidade eram ainda mais precárias. Grandes rachaduras circundavam as paredes de tijolos nus. Os varais de alguns barracos se prendiam na porta de entrada da casa e no muro do lado oposto. Quem saia de casa ou abaixava para não bater nas roupas penduradas ou abria caminho no meio delas.

Algumas casas eram apenas folhas de compensados em pé por estacas de um lado e de outro, algumas crianças descalças, cobertas precariamente por uma bermuda surrada, brincavam na frente de suas casas. Cortando a ruela uma água fedida.

Relaxa, Clara. Você se acostuma.

A menina ergueu as sobrancelhas, não sabia que Chenara frequentava aquela parte da comunidade. Talvez conhecesse Toledo de uma dessas festas.

— Olá, gata. — disse beijando a loira. — Clara! Quanto tempo...

O silêncio de Chenara fez Clara deduzir que o rapaz contara sobre o dia do tiroteio. Ela apenas sorriu. Olhando para Toledo não conseguiu imaginá-lo realizando o trabalho que a loira pedira. Qual dos dois era mais corajoso? Era o verdadeiro assassino?

O rapaz de cabeça nua tirou do bolso um saquinho branco. Tranquilamente. Com uma das mãos ofereceu para a menina, a outra continuava na cintura dela. Ela guardou o saquinho no bolso da calça jeans. Ignorou a presença da amiga.

Clara se assustou. Chenara não fazia uso de nenhuma substância, nem mesmo tabaco. Fingiu não ter visto nada.

O som da música eletrônica estridente se aproximava. Um aglomerado humano tentava passar pela porta lateral da quadra. Alguns carros estacionados na periferia da quadra serviam de assento para casais que se agarravam vorazmente. Por um momento Clara sentiu-se acuada.

 — Chenara, — estava disposta a despedir-se da loira e voltar para casa.

Uma mão enlaçou sua cintura e seu sangue pareceu pular de dentro das veias.

- Você está maravilhosa!
- Ryan o mesmo desejo que a impulsionava a retroceder a obrigava a permanecer naqueles braços.
- Maravilhosa. repetiu sussurrando em seu ouvido. Roçou os lábios nos dela. — Chenara, Toledo. — cumprimentou-os.

Novamente o perfume adocicado do rapaz a deixava zonza. Usava uma camisa roxa com um desenho japonês na altura do peito. Também era de manga comprida.

- Vamos entrar? - perguntou Toledo.

A loira assentiu com a cabeça acompanhando os passos do rapaz.

Ainda havia confusão para entrar, as pessoas se empurravam. Esgueirando-se Toledo entrou acompanhado da loira. Ryan envolveu a menina nos braços e pediu para ela acompanhar seus passos. Mais uma vez ele a surpreendia.

O som alto sacolejava os tímpanos, uma sensação de surdez incomodava.

Na pista de dança improvisada as pessoas mergulhavam de corpo e alma nas batidas eletrônicas. Clara hesitou em chegar ao meio da quadra. Não sabia dançar.

- Por que não?
- Desculpe, Ryan, não sei dançar. disse desprendendo sua mão da mão do rapaz.

Um casal dançando alucinadamente a empurrou mais para a lateral.

— Eu não vou perdê-la. — questionou olhando dentro de seus

olhos, agarrou-lhe novamente a mão apertando-a.

Clara sentiu o corpo amolecer.

 Eu ensino você a dançar! — sorriu, arrastando-a para o meio da pista.

Ali a menina se sentiu ridícula parada como uma estátua sem utilidade alguma. Suas bochechas rosaram de vergonha.

— Sabia que eu adoro o seu jeito! — comentou o rapaz sorrindo fraternalmente. — Veja. — ergueu os braços a altura da cabeça e começou a dar semi-voltas de um lado para o outro. Agarrando as mãos da menina a conduzia em tímidos movimentos. — Agora sozinha! — incentivou.

Clara respirava fundo, nunca dançara, mas era bom, muito bom. Jogou os braços para cima e se apoiava ora com a perna direita ora com a perna esquerda. Perdeu a noção do tempo, quando percebeu estava com a testa suada e os cabelos grudados no rosto.

Procurou por Ryan e não o viu. Avistou Toledo conversando com algumas pessoas encostado ao lado da cantina, caminhou até ele.

 Clara, a Lian você conhece e esse é o Zezinho, nosso companheiro.

A menina sentiu uma faca roçar seu pescoço, os olhos agressivos da ruiva intimidaram-na.

Oi. — forçou um sorriso. Reportou-se ao dia do tiroteio e
 Zezinho seria a pessoa "que estava cuidando do trabalho". Sorriu mais uma vez.

A ruiva saiu do grupo sem falar nada, havia um motivo para ela odiar tanto Clara, mas a menina não imaginava o que poderia ser.

- Não sabia que você dançava. comentou Toledo.
- Nem eu. ela riu tentando desgrudar o cabelo do rosto.
- Cadê a Chenara?
 - Lá no meio. apontou com a cabeça.

A loira remexia ao centro da pista de dança, era única, inconfundível, sacudia a cabeça deixando tonto quem tentasse acompanhá-la. O jogo de luzes estava à sua disposição, só a iluminava. O centro das atenções.

Clara procurou Ryan com os olhos, não conseguia vê-lo. "Onde estava?"

Você disse que não dançava! Mentiu.

Um sorriso brotou de seus lábios, era a voz que ela estava procurando.

- Mas eu nunca dancei!
- Será? abraçou-a por trás roçando o queixo em seu pescoço.

De repente o jogo de luzes tornou-se preto e branco, a menina voltou ao seu mundo real. O rosto de desaprovação de Dona Vilma se cravou em seus olhos. A madrugada já adentrava e o conflito de emoções a fez cambalear. O rapaz percebeu seu desequilíbrio, forçou os braços para sustentá-la.

— Você está bem?

Não se preocupe. Só tenho que ir embora.

Ele afagou seus cabelos beijando suavemente sua bochecha.

- Então vamos.
- Você não precisa ir agora. Pode deixar, eu vou sozinha.
- Tem certeza?

O movimento de sua cabeça confirmou. Desprendeu-se dos braços dele e voltou os olhos para Toledo. Ele não estava mais encostado na parede. Ao longe viu Chenara transpor uma porta cujo cartaz sinalizava o banheiro.

Vou dizer a Chenara que estou indo embora.

A menina não entendeu o olhar de piedade lançado pelo rapaz. Não comentou. Seguiu em direção à loira.

Caminhou entre as pessoas dançando, ora recebendo esbarrões e empurrões. Um homem bébado se jogou em cima dela, o bafo de álcool a deixou nauseada. As bebidas eram exibidas nas mãos dos jovens como troféus, era a coragem necessária para se divertirem.

Finalmente alcançou o cômodo chamado de banheiro. Era fedido, nojento. Papel higiênico sujo de fezes espalhados pelo chão e em cima do lavatório que, entupido, despejava água no piso grosso, escorrendo para o ralo logo abaixo. O odor de urina queimava o nariz. Nas pontas dos dedos Clara caminhou até as três repartições onde abrigavam os sanitários. Na primeira não viu ninguém, apenas embalagens e preservativos usados jogados no chão, misturados a um líquido aquoso

ao pé da latrina. Ouviu murmúrios na repartição ao lado. Sorrateiramente chegou a porta entreaberta e pode ver Chenara e Toledo conversando e olhando para baixo. A loira emitiu um ai baixinho, deixando a cabeça cair para o lado. Clara esticou o pescoço e viu Toledo desamarrando uma tira do braço da loira. Uma seringa caiu no chão misturando-se as fezes e urina. Clara arregalou os olhos, sufocou com a palma da mão o grito, conteve o espanto e saiu desesperada do local. Procurava por ar, seus pulmões murchavam e a pressão sanguínea diminuía. Correndo abria caminho entre as pessoas que continuavam dançando. O mesmo homem bêbado de outrora parou a sua frente impedindo sua passagem. Poucos passos a separavam da liberdade, de sair daquele local. A música martelava sua cabeça, iria explodir. A mão voltara a apertar-lhe a garganta, suas pernas vacilavam. O espelho estava longe demais, inalcançável.

- Sai da minha frente. - rosnou ao homem.

O sorriso de embriaguez do homem se transformou em espanto e imediatamente deu abertura a menina.

Ver a lua aliviou sua alma. Caminhou alguns metros. As lágrimas escorrendo em sua face deflagraram sua vulnerabilidade, seu peito queimava. Sentou-se na calçada em frente a uma casinha modesta, comparada às demais poderia ser considerada a mais aconchegante moradia. Ainda ouvia o som dilacerante vindo da quadra. Escondeu o rosto entre os dedos e entregou-se ao choro.

Não sei se fiz certo em não avisá-la.

As mãos da menina entraram asperamente entre os cabelos suportando o peso da cabeça.

— Eu não sabia o que fazer. — os punhos cerrados e dentro dos bolsos refletiam exatamente o que ele tentava dizer. — Você está bem? — perguntou agora próximo.

O silêncio dela perturbava, apenas alguns fios de cabelos oleosos volviam-se com a brisa da noite.

Ryan procurou um local para sentar, a calçada não era uniforme, placas de concreto e areia dividiam o mesmo espaço.

- Eu não sei o que posso fazer para ajudar. e delineou suavemente a sobrancelha da menina — Pare de chorar, por favor!
 apenas balbuciou, agora roubando uma lágrima que acabara de brotar dos olhos dela.
- Você deve me achar uma idiota. disse fungando e esfregando o braço no rosto a fim de secar o molhado.
 - Por quê?
 - Por tudo!
- Não, não vejo desse jeito. os olhos negros assustavam e contrastavam a voz calma e pausada.
- Odeio minha vida! Minhas fraquezas... Queria desaparecer...! — novamente suas mãos serviam de base para a cabeça, as lágrimas voltavam a molhar o rosto.
 - E quanto a mim? O que vou fazer se você for embora?

Arrogantemente ela levantou o olhar, fuzilava-o.

- Você me conhece há quanto tempo? Não sabe quem sou!
- esbravejou Não tem noção do que está falando, garoto!

Afavelmente ele tocou hesitante o rosto dela com a ponta dos dedos. Mais uma vez o perfume adocicado tomava conta do ar.

— É verdade. — numa breve pausa olhou para o fim da rua — Conheço você há tão pouco tempo que me assusto em como posso requer bem a alguém... Como nunca quis antes. hesitou — Antes de conhecer —aproximou o rosto dos lábios dela e os tocou — conhecer você! — envolveu-a com os braços reclinando a cabeça em seu ombro. — Quero ficar longe, mas me vejo terrivelmente próximo... — exalou — não poderia deixá-la ir para casa sozinha. Não quero que nada aconteça, nada a machuque.

As palavras que ouvia acalentavam sua alma, a cena de Chenara e Toledo era um passado recente e dolorido, mas suportável nos braços de Ryan. Sabia que o momento era somente um sonho doce e uma hora ou outra teria que acordar.

- Vamos para casa. Você precisa descansar. ergueu-a e começaram a caminhar.
 - Como você pode ser assim?
 - Assim como?

Ela repuxou o canto da boca, não queria falar, apenas aproveitar cada segundo.

A madrugada se preparava para dar lugar ao novo dia. Na comunidade quem não fora a festa ainda dormia no sossego do luar despedindo-se.

- Acho que chegamos.
- —É.
- Você precisa descansar, seus olhos a denunciam.
- Devem estar inchados.
- Estão. concordou sorrindo.
- Preciso descobrir se por causa do sono ou do choro.
- Acho que por causa dos dois. beijou-lhe a testa em despedida — Quero levá-la em um lugar. Vá descansar, mais tarde eu passo aqui.
 - Passear aonde?
 - Surpresa! com a cabeça tombada sobre o ombro sorriu
- Mesmo com os olhos inchados você é linda!

Clara enrubesceu. Não pensava isso de si mesma, mas era bom ouvir.

- Até o nosso passeio...
- Sua mãe se incomoda de eu vir buscá-la?
- Ela não estará em casa.
- Durma bem.

Olhá-lo distanciar-se doía o peito, não acreditava no conto de fadas que estava vivendo. Seus pés flutuavam. Mas nesse conto, onde Chenara e Dona Vilma se encaixavam? Não iria pensar nelas agora, desejava deitar-se e sonhar com os olhos assustadores de Ryan.



CAPÍTULO X

cordou assustada, devia ser tarde. E se Ryan chamara e ela não ouvira? Abruptamente saiu da cama arrumando-se de imediato. Costumava ser organizada, mas desta vez não se importou que a colcha da cama pendesse mais para a esquerda. Vestiu um jeans surrado e uma camiseta branca. Não parava de pensar aonde iriam passear.

Frente ao espelho do banheiro observou as duas bolsas roxas por baixo dos olhos, eram ainda mais visíveis. A noite mal dormida as fizera aumentar. Prendeu o cabelo em um longo rabo de cavalo, moveu a cabeça de um lado ao outro para vê-lo balançar, achava engraçado, desde criança fazia isso. Pedro costumava segurá-lo e imitar o som de cavalo galopando, a briga começava e Dona Vilma vinha separá-los.

Olhou sua imagem refletida, há alguns dias não recorria ao espelho. Todavia estava aliviada por ele existir e estar a sua espera.

Passou batom, delineou os lábios com o dedo indicador, a única parte do corpo que gostava.

— Você é linda!

A menina se assustou deixando cair o batom dentro do lavatório.

- Desculpa.
- Você não pode entrar na minha casa sem minha permissão!
- disse sem graça.

- Não resisti!

Clara tentou fazer cara de brava mas aqueles olhos a desarmaram.

- Está bem. Mas tenta não me assustar, é esquisito saber que têm pessoas que entram na casa da gente sem fazer barulho. É...
 - Violação de domicílio?

Mais uma vez ele a impressionava. Falava tranquilamente, como se discorresse sobre um assunto banal.

- É! Isso é crime...

Agora ele balançava o feixe preso do cabelo dela, imitando o tique-taque do relógio.

 Estou acostumado à vida bandida! — gargalhou maliciosamente.

Clara estremeceu, não sabia se era uma inocente brincadeira ou se ele falava a verdade. O rapaz percebendo a mudança de comportamento da menina ironizou:

Não acredita? Estou acostumado a correr da polícia...
 Arrombar casa é uma doce brincadeira.

Ela sorriu forçada. Nesses momentos voltava à realidade e percebia como estava se envolvendo em um sonho perigoso.

Passando pela cozinha pegou uma maçã e ao trancar a porta procurou algum vestígio de arrombamento na maçaneta. Não havia marca alguma.

Caminhavam em silêncio. O rapaz a conduzia por entre as

ruas da comunidade. O dia estava claro com temperatura amena, algumas senhoras caminhavam pelas ruas carregando sacolas de compras e as crianças soltavam pipas de cima das lajes das poucas casas que tinham essa estrutura.

- Precisamos conversar. arriscou-se o rapaz friamente.
- Para onde estamos indo?
- Posso ainda fazer uma surpresa para você? Ou minha vida bandida a assustou? — indagou rindo.

A menina se sentiu boba, fora apenas uma brincadeira que fizera. Balançou a cabeça reprovando sua própria atitude.

- Você promete cuidar de mim? Se for assim confio em você!
- sorriu, simulando voz de criança.
- Boba! Não deixaria nada acontecer à mulher mais linda do mundo!

Clara ficava constrangida com essas afirmações, em seu íntimo sabia que era mentira, esforçava-se para não transparecer sua própria opinião.

- Na próxima bifurcação entraremos à direita.
- Mas essa rua é sem saída!
- Vou provar que "existem mais coisas entre o céu e o mar do que julga nossa vă filosofia." — disse, tentando parecer intelectual, mas soltando uma gargalhada ao final da frase.
 - Sei, céu e mar...
 - Let's go, baby!

Aos olhos de Clara o rapaz fora esculpido a dedo, desde seus traços finos e delineados ao seu bom humor. Algo nele se fazia diferente das demais pessoas, dos demais moradores do morro.

Chegando ao ponto onde a rua se dividia em duas pegaram o caminho à direita.

— Eu falei que a rua não tinha saída. — reafirmou a menina a alguns passos de uma cerca de arame farpado enferrujado, atravessando o logradouro de um ponto a outro.

Ele fingiu ignorá-la, caminhou até a cerca, parado em frente a ela a analisava, algumas estacas estavam bambas e outras danificadas por cupins. A primeira volta do arame estava frouxa, caia sobre a segunda. O rapaz apoiou as duas mãos na volta frouxa e a abaixou ainda mais.

- Passa!
- Por cima da cerca? perguntou espantada.
- —É.
- Vamos aonde?
- Passa.

A menina jogou uma perna por cima do arame e na ponta do pé alcançou o outro lado. Imediatamente o rapaz transpôs a cerca e voltaram a caminhar, trilhando um estreito caminho no meio do mato alto.

Clara olhou para trás, a fim de verificar se alguém os observava. A rua, todavia estava vazia. No céu o sol brilhava mais forte, provocando um leve ardor na pele.

Não vou caminhar mais. Onde estamos indo? — indagou
 — À mata? — arriscou.

Sentiu medo, sabia que algumas pessoas utilizavam o local para fumar. Até qual situação Ryan poderia defendê-la? Até onde estaria segura? E ele mesmo, iria fumar na presença dela? Clara se arrependeu de ter aceitado o convite para o passeio. Mas era tarde, talvez se rezasse pudesse sentir-se mais tranquila.

- Você emudeceu?
- Não mordeu o canto da boca apenas apreciando o local.
- Você nunca veio à mata?
- Não.
- Há quanto tempo mora aqui?
- Desde que eu nasci. a menina parou, nunca pensara como fora passiva por toda a sua vida. — Desde que eu nasci.
- repetiu lentamente. O máximo que fizera fora passar alguns minutos parada às escadarias observando, ao longe.

O casal adentrava na mata, seguiam a trilha passando por árvores centenárias, cujo tronco poderia ser abraçado por três homens. Cipós pendiam do alto e o cantarolar dos pássaros anunciava um dia ensolarado.

Estamos chegando, Clara.

A menina percebeu que a trilha se tornara uma subida exaustiva, os passos tinham que ser precisos, pois a terra solta pregava peças.

— Ai! — gritou caindo sentada.

Rapidamente Ryan pegou na sua mão e tentou levantá-la.

— Cuidado!

Ela não conseguia responder, começou a rir de saltarem lágrimas dos olhos. Perdera as forças.

- Nossa! Está doendo tanto assim?
- Estou rindo, seu bobo! Mas o bumbum dói!

O rapaz se sentou ao lado dela na trilha. Estavam quase no alto da mata. Aspirou.

- Isso aqui é perfeito!
- Verdade, é muito bonito!
- Mas não estamos onde eu quero levá-la, ainda temos que andar um pouquinho. Vamos? — estendeu a mão para puxá-la.

Clara não comentou, mas viu ao seu lado, no chão, guimbas de cigarro.

Voltaram a andar.

— Você vem sempre aqui?

O rapaz esfregou a manga da camisa na testa, gotinhas de água salpicavam seu rosto, coçou o pescoço e novamente parou. Olhou para trás, estavam longe da cerca que delimitava a rua.

— Às vezes.

O restante do trajeto foi feito em silêncio. A menina lutava contra a falta de ar, a caminhada forçara seu organismo sedentário, mas não comentou nada.

Um sabiá pousou em um galho de árvore e se pôs a cantar. Sua melodia compassada alegrava a floresta, em seguida outro sabiá pousou no galho ao lado e rapidamente voou, levando o primeiro pássaro consigo.

- Consegue ver a clareira lá na frente?
- Vejo.
- É nosso ponto final!

Em poucos minutos chegaram à clareira. Uma pedra ao meio chamava a atenção.

— Este é o meu refúgio, Clara! Quando quero ficar sozinho venho para cá. Sobe! — o rapaz já estava em cima da enorme pedra. Estendeu a mão para puxá-la.

Cravando os pés na pedra a menina subiu até seu topo. Tinha aproximadamente 5 metros de altura, distribuídos em declive. De cima dela a visão panorâmica da comunidade ao longe encantava.

- Nossa!
- Quanto estou aqui me esqueço dos meus problemas...
 Penso até em tocar o céu.

Sentaram-se, deixaram as pernas caírem no vazio onde terminava a pedra. Um vento refrescante brincava com fiozinhos soltos de cabelo da menina. No céu o sol não estava mais só, algumas nuvens vinham de longe em um tom acinzentado. Entretanto seus raios queimavam a pele com mais força.

— Por que você usa camisa de manga longa? Deve estar sentindo muito calor! — a pergunta fora inocente, talvez impensada.

O rapaz paralisou. Ninguém até então lhe perguntara sobre as longas mangas que usava constantemente. Ele não conhecia Clara o suficiente para revelar-lhe seu segredo. Não poderia confiar, não agora.

 Uso porque eu gosto e me sinto à vontade. — respondeu rispidamente.

Com o olhar vazio ela não notara a aspereza da explicação. Seus olhos perdiam-se na imensidão do azul pálido do céu. Chenara veio ao seu pensamento: "Onde ela estaria agora? E o que faria de sua vida?"

- Em que você está pensando? indagou o rapaz, retomando o tom de voz normal.
- Em Chenara. jogou a cabeça para trás, pressionando a coluna cervical.
 - É uma boa pessoa.
- Mas estou com medo das coisas que ela pode fazer. disse decepcionada.

Uma pipa pairou no céu, solitária, em poucos minutos desaparecera.

— Medo de quê? — o rapaz com o corpo reclinado para frente e as mãos pendurados sobre os joelhos brincava com o dedo mindinho — Peço desculpas, eu não sabia se deveria ter

ou não avisado onde ela estava ontem, o Toledo me disse para onde iam. Mas... Não sabia se deveria falar.

Clara olhou decepcionada para o rapaz, sua boca não se moveu, já seus olhos brilhavam em um misto de ódio e tristeza.

 Por que não me disse que eles foram se drogar? — replicou taxativa. Balançava a cabeça não acreditando no que ouvia.

O rapaz sacudiu os ombros. Não sabia exatamente o que a incomodava.

- As coisas para ela não estão fáceis.
- Você deve referir-se ao assassinato... disse sarcástica —
 nada justifica uma morte!

Ele elevou os olhos ao horizonte, as nuvens acinzentadas se aproximavam lentamente.

- Uma única vez se colocou no lugar dela? Aquele safado não era digno de pisar nessa terra.
 disse enfático
 - Você me assusta. deixou escapar sem querer.

Ryan enlaçou os dedos nos cabelos, retornando rapidamente as mãos para o rosto. Sua camisa já estava molhada de suor.

— Desculpa. — emitiu entre um suspiro. — Acho que somos de realidades remotamente distantes. Você não conhecia o sujeito, a última namorada dele ficou em coma três dias, pelo mesmo motivo. É um sem-vergonha! Há três meses quase foi morto por causa de uma dívida... Agora o problema está resolvido. concluiu absorto.

- Não justifica. sussurrou receosa.
- Você não entende.

A solitária pipa vermelha aparecera novamente no céu. Bailava de um canto a outro, tendo a imensidão como palco. Clara desejou ser livre como ela.

— E você... — hesitou em terminar a pergunta, talvez temesse o que ouviria, desviou o olhar para o lado contrário ao rapaz, não conseguia mais ver a pipa. — Você já matou alguém? — a menina nunca imaginara que faria essa pergunta alguma vez em sua vida. Chocava-se com o que acreditava: Deus era o único que poderia arrançar a vida do ser humano.

Sorrateiramente procurou os olhos dele a fim de ver o impacto do questionamento. Encontrando o olhar estremeceu. Era ainda mais assustador, profundo e sombrio.

 — A minha resposta mudará o que você sente por mim? rosnou, fechando parcialmente os olhos.

Clara não sabia o que dizer. Sua cabeça girou e uma leve tontura embrulhou-lhe o estômago.

— Quando a vi prometi a mim mesmo que nem chegaria perto de você — elevou o tom de voz — não sei explicar a forte atração que senti. Mas fui fraco... O dia da chuva no bar fechado, estranhamente senti que mergulhei em seus olhos... É ridículo, mas fugiu ao meu controle... —as gotas de suor se intensificavam — Lembra que me perguntou se eu a seguia?

A menina balançou a cabeça.

— A partir daquele dia n\u00e3o consegui mais deixar de v\u00e8-la... Eu pedi ao Toledo para acenar no dia do tiroteio. Eu estava ao celular no outro c\u00f3modo.

Clara só ouvia, imóvel.

O céu fora quase tomado pelas nuvens acinzentadas. A pipa não voava mais e o vento começava a arrepiar a pele.

Um rugido dissipou o silêncio da mata, tão forte que o som rasgou a garganta do rapaz. Ele se jogou para trás caindo sobre a pedra, ficou ali deitado.

— Você ainda quer saber por que uso camisa de manga comprida? — perguntou inquisitivo — Pronto! — exclamou arrancando a camisa de súbito, deixando a mostra o peito semi-cabeludo — eu não uso nada, Clara! — disse jogando os braços na direção da menina. — Nem um sinal de picada, nada! — abriu os braços pronto a receber uma bala no peito, revelara o seu segredo — No meu mundo você dança conforme o ritmo que é tocado. Eu finjo, sou o maior mentiroso que você já conheceu! Os otários pensam que levo para casa e lá faço minha festa particular! — olhava o céu como se confessasse a ele — Em toda minha vida experimentei uma vez! Foi o bastante... Nunca mais... — suprimiu a frase recordando alguma cena que o incomodava. Pigarreou.

Clara notou nas costas da mão do rapaz, enquanto as jogava desnudas em sua direção, três pontos tatuados em forma de

triângulo. Por um momento se lembrou do banheiro de peixinhos de sua antiga casa de terraço. Pedro estava escovando os dentes com a porta aberta. Ela ainda pequena correu em direção ao irmão e como uma perereca se agarrou em suas costas.

"— Para, Clara! — disse Pedro cuspindo espuma de pasta de dente no piso do banheiro. — Enjoada! — reclamou, largou a escova na pia agarrando a menina por um dos braços, desencravando-a de suas costas. No momento que a mão do irmão agarrou a magro braço da menina ela pode ver três pontinhos pretos sombreados por uma mancha avermelhada nas costas da mão dele."

Retornou à realidade.

O vento soprava as folhas das árvores emitindo uivos. A sensação térmica baixava mais e mais e as nuvens pesadas ameaçavam despencar.

— A única pessoa que sabe disse é você...

Uma gota de água caiu no nariz do rapaz, sentindo o frio trazido pelo vento colocou a camisa.

— Não vai dizer nada?

Clara balançou os ombros. Não sabia o que dizer, as palavras deslizavam para sua garganta, formando um amontoado.

Apenas pressionou a mão do rapaz.

— Uma vez... — começou ele — Faz algum tempo. — os olhos distantes tentavam descobrir o que havia além do encontro do céu com a comunidade lá ao longe.

Clara estremeceu. Precisava ser forte. Apertou ainda mais a mão do rapaz.

- Sabe, Clara... Às vezes as coisas acontecem sem a gente perceber, quando abrimos os olhos é tarde.
 - Sobre o que você está falando?
 - Por minha culpa meu melhor amigo hesitou morreu...
- pronunciar aquelas palavras provocava fadiga.

A menina percebeu o remorso na fala do rapaz.

- O que aconteceu? Se não quiser falar não tem problema...
- Eu não o matei, se foi isso que quis perguntar.
- Eu não disse isso. retrucou.
- Desculpa, ainda dói falar no assunto.

Pinguinhos de chuva deslizavam pelo corpo dos dois, calmamente, quase imperceptíveis.

- Vamos voltar? Começou a chover?
- Quero ficar mais... é maravilhoso esse lugar!

A pouca claridade anunciava o findar da tarde. As gotinhas pararam de cair, todavia as nuvens continuavam cinzas e pesadas.

— Sabe que horas são?

Ela não se interessava pelas horas, bastava o local para prendêla, a companhia dele era o que desejava.

- São quase cinco horas!
- Nossa! a vontade de perguntar sobre a morte referida
 pelo rapaz deixou Clara inquieta. Turbulências de emoções

assombravam-lhe a alma. Por um instante não conseguiu reconhecer mais a sua vida. Como tinha uma percepção de realidade tão diferente daquele rapaz ao seu lado? Afinal, moravam na mesma comunidade... Por que ela nunca viera a esse local? "Há quanto tempo mora aqui? — Desde que eu nasci" sentia vergonha, será que tentava fechar os olhos a tudo o que acontecia a seu redor? Importava-se com as pessoas dali, por isso estudava, precisa ter condições para fazer algo e ajudá-los.

O ar tornou-se rarefeito e a menina desejou jogar-se no espelho, mas desta vez não voltaria mais à realidade, era dura demais para suportar.

- Infelizmente temos que ir. disse ela se levantando e ficando de pé com as pernas afastadas, a fim de equilibrar-se sobre a pedra.
 - A senhora manda, dona Clara! brincou.

Também de pé o rapaz passou a encará-la. Mesmo suado a menina podia sentir seu perfume adocicado.

- Eu me recuso a ir embora sem antes beijá-la! Ou imaginou que eu não faria nada, aqui, sozinho com você?
 - É para eu ter medo?
- Apenas me beije... muito... agora mais perto soprou nos lábios dela como você nunca beijou ninguém. o roçar da boca dele a estremeceu. Deu duas mordidinhas Sabia que a cada dia estou mais encantado por você? Os braços finos cobertos pela manga da camisa preta surrada envolveram a cintura frágil da

menina. Clara sentiu seu corpo ser pressionado contra o do rapaz, estranhamente se sentia protegida e amedrontada. Não sabia o porquê, era uma atração terrivelmente gostosa.

Estavam quase alcançando a cerca enferrujada que delimitava o início da cidade.

- Veja, parece fumaça. apontou para a direção da comunidade.
 - Será que aconteceu alguma coisa?

O rapaz balançou a cabeça e continuaram caminhando.

Embaixo de uma árvore de tronco fino e descascado viram dois jovens. O primeiro recostado ao tronco tinha o semblante descaído e uma enorme cicatriz acima do queixo, usava boné preto visivelmente novo, ainda com a etiqueta de preço por cima da longa aba. Fumava um cigarro tranquilamente. O segundo, deitado em meio ao mato, olhava alguma coisa que só ele parecia ver. Ria como criança.

— Aí Ryan, mano! — disse o que fumava.

Clara saltitou para trás inconscientemente, lembrou-se das guimbas que vira no chão no momento de sua queda.

- Beleza, irmão. cumprimentou.
- Vai um "preto" aí? Tranquilidade...
- Agora não, prefiro esperar para fazer minha festinha em casa... — e apontou com a cabeça para o lado da menina, que sentiu as pernas arrepiarem, conhecia o rapaz há pouco tempo, às vezes confiava demais nele.
 - Garoto esperto! respondeu, agora com voz melodiosa e

forçando-se para segurar o peso da própria cabeça.

Continuaram a caminhar, Clara sentiu um fardo sair-lhe de sobre os ombros, momentaneamente estava segura. Chegava a pensar que estava mais segura quando em companhia daquele rapaz. Se, sozinha, encontrasse aqueles dois homens, o encontro teria outro desfecho, acreditava.

Logo avistaram a cerca enferrujada que delimitava o início da comunidade. "Parece que o caminho diminuiu — pensou Clara."

A nuvem cinza estava ainda mais forte e pesada, parecia um mau presságio encobrindo o bairro. Do céu não vinha mais pingos de água.

- Não entendo. De onde vem essa fumaça?
- Parece que é lá de baixo. explicou o rapaz, referindo-se à bifurcação de entrada no bairro.

Clara ficou preocupada, alguma casa pegara fogo? E se os barracos estivessem queimando nas chamas flamejantes, onde as pessoas iriam morar? Se é que poderia chamar de moradia às instalações precárias a que aqueles cidadãos se submetiam. Uma tristeza empalideceu seu rosto.

Alcançando as escadarias puderam ver, na bifurcação de entrada da comunidade, um ônibus trepidando no fogo. Também uma barricada de pneus exalava um cheiro horripilante de borracha queimada, as chamas consumiam o muro improvisado e arremessavam para o céu uma nuvem preta, encardida.

Oh, Deus! O que houve aqui? — exclamou desesperada.
 Era possível ver alguns moradores alimentando a fome das

chamas encavaladas nos pneus, de um a um outros pneus eram jogados no que antes parecia ser uma barricada.

Um pouco mais atrás um escudo vivo impedia a passagem da polícia, caso o ônibus e os pneus falhassem. De repente a menina presenciou um confronto corpo a corpo entre alguns PM's e moradores da comunidade. Estampidos surdos foram ouvidos, seguidos por pessoas correndo para o lado oposto aos guardas.

- Estão atirando! gritou ela.
- Calma. disse segurando-a pelo braço Não são balas de verdade, são de borracha. É só para fazer barulho. Os homens sabem o que fazem, pelo menos é o que eles dizem.
- Calma? Como posso ficar calma se as pessoas estão se agredindo, machucando-se... aliás, isso tem um motivo que nós ainda não sabemos! disse taxativa. Pode ter sido um irmão seu que foi assassinado! Ou se esqueceu? pausou a fala para respirar, sempre que se alterava a respiração involuntária sumia e ela precisa se lembrar de respirar. Sempre que ocorrem esses conflitos é porque a PM matou alguém! —concluiu, retendo uma lágrima teimosa.

Tirando o pé do último degrau da enorme escada a menina sentiu uma forte pressão envolver-lhe acintura. Momentaneamente aquelas sensações esquisitas tomaram-na por completo e foi difícil retomar a consciência.

- Solte-me! esbravejou.
- Garota, em que mundo você vive? No país da Alice?



CAPÍTULO XI

Im assovio fino chamou a atenção de Ryan, à direita, atrás de um muro esfacelado um rapaz de boné branco encardido fazia gestos. Ryan balançou a mão de modo a impulsionar o rapaz a desaparecer atrás do muro. Os olhos profundamente escuros do rapaz perturbaram-se visivelmente..

— Vou te levar para casa, Clara!

A menina notara o comportamento estranho do rapaz, parecia esconder alguma coisa.

- Não vou para casa, mas obrigada por se importar comigo.
- E para onde você vai? perguntou já impaciente.

Ela apenas balançou a cabeça de forma negativa.

- Vou te levar para casa.
- Eu já disse que não vou agora. enfatizou.
- Escuta aqui, garota! disse asperamente você se declara uma deusa capaz de salvar o mundo? O máximo que pode fazer e ainda agradecer é ir para casa e salvar sua própria pele. É muito bonito querer salvar o mundo, mas tudo tem um basta! de repente o misterioso olhar dera lugar a um brilho perturbador, pinguinhos de suor salpicaram sua testa.

Clara não sabia o que fazer. "O que estava acontecendo? Por que Ryan transformara o semblante?"

Na bifurcação de entrada da comunidade o que antes fora a barricada de pneus transformava-se em uma enorme nuvem preta, difícil de diferenciar a fumaça da borracha.

- Faça o que quiser. Tenho de ir.
- Sei me proteger sozinha...

Aqueles olhos agora de brilho perturbador encontraram os seus e petrificaram-na no momento onde o silêncio foi rígido como uma rocha. A menina tentou engolir a saliva.

Clara caminhou em direção à barricada de pneus, a aglomeração de pessoas perdera força e apenas um ou outro morador olhava as chamas trepidarem. Frente ao calor provocado pelo fogo a menina percebeu como já estava envolvida com aquele rapaz que lhe roubava a consciência. Há algum tempo estavam se encontrando, mas sabia poucas coisas a respeito dele. E as camisas de manga longa, seria verdade o que contara? O suor molhando a malha. Isso o tornava ainda mais irresistível.

Novamente um estampido chamou-lhe a atenção, trazendo-a a realidade. Olhou ao lado e percebeu o confronto corporal entre um policial e um morador da comunidade, outro PM atirou novamente, desta vez acertando o pé do homem magro e terrivelmente corcunda projetado por cima do policial. Um grito foi ouvido e imediatamente o homem corcunda se pôs a correr mancando. Os policiais aproximando-se balbuciaram alguma coisa que ela não conseguiu discernir.

Com medo a menina correu para qualquer parte, importando apenas ficar longe de toda aquela confusão.

A ruazinha em que se embrenhara trazia-lhe a recordação alguma coisa, talvez um "déjà vú", apenas impressão. Continuou caminhando à procura de um lugar que pudesse levá-la de volta para casa. Sentiu frio, sentiu-se impotente. "Talvez Ryan tivesse razão, quem ela era para mudar o mundo? A hora de cair na real talvez tivesse chegado", pensou.

— Clara? — perguntou uma voz rouca vinda da escuridão de uma porta entreaberta. — O que faz aqui?

Mesmo com o medo a corroer-lhe a carne aproximou-se da fresta. Um vulto pequeno de cabelos curtos estava sentado sobre alguma coisa.

Mais perto reconheceu.

- Chenara? balbuciou.
- Entra, Clara. chamou.

Já dentro do cômodo uma lâmpada lânguida dependurada da parede e segura por um pequeno prego clareava palidamente o lugar. Um líquido aquoso escorria do chão e exalava um odor ruim.

— Eu já disse que essa garota vai trazer problemas — explodiu uma voz — mas ninguém me houve! — agora era possível ver a mulher a quem a voz pertencia.

Um estalo sacudiu Clara, já estivera nesse lugar, no dia do tiroteio se abrigara ali, Toledo que a chamara. A mesma frase daquele

dia era repetida por essa mulher. Clara tentou lembrar o nome dela.

- Cala a boca, Lian!

"Isso, Lian" repetiu a menina em pensamento, "esse é o nome dela", desde o último encontro a ruiva não se preocupava em esconder a implicância com ela. Hoje estava vestida com uma calça jeans escuro, de grife. De corpo bem delineado parecia uma manequim. Continuava com uma maquiagem pesada por baixo dos olhos.

— O que você está fazendo aqui, Clara? — indagou Chenara. Agora era possível ver onde ela estava sentada, na mesma lata que outrora o homem de tatuagem e arma a punho estivera.

A loira tinha bolsas roxas abaixo dos olhos e o nariz vermelho, embora a luz fosse rarefeita para precisar sua real aparência.

- Chenara! correu e jogou-se a seus pés Por que você está aqui? — Procurou a mão direita da menina, mas esta discretamente a escondeu entre as pernas. Clara percebeu a atitude da amiga e se retraiu. Sentia-se um peixe fora d'água, não conseguia reconhecer mais sua amiga.
- Você não deveria estar aqui. apenas disse, denotando desconforto.

A menina se levantou, estava acuada, era melhor voltar para a ruela, menos perigoso e talvez menos frustrante. Não reconhecia mais Chenara, não tinha aquele brilho típico da loira avassaladora de antes. Desde a convalescença de sua mãe seu jeito mudara... e agora estava se drogando. Clara lembrou-se da

noite anterior, do banheiro fedido e das seringas misturando-se a urina no chão. Um arrepio assombrou-lhe a alma e a pressão na garganta reapareceu com toda a força. Vacilou. Respirou fundo tentando apalpar a folha de compensado que fazia a parte de parede. Precisava do espelho ou seu corpo se estilhaçaria em mil pedaços. Estava sozinha, vulnerável... sozinha e vulnerável... uma lágrima empossou em suas pálpebras.

Novamente estampidos foram ouvidos e houve um agitamento no barraco precário.

- Chenara, a pistola... onde está?

Ela apenas balbuciou "ao seu lado" mostrando vergonha e resignação.

Clara tentou encontrar o dono da voz, mas no cubículo onde estavam não havia mais ninguém, a ruiva novamente desaparecera através do alpendre velho e descascado que dava lugar a outro cômodo.

Mais um barulho e outro e de repente os sons abafados eram contínuos, metralhavam o ar sem hesitação alguma. Um rapaz sem camisa e com uma tatuagem de dragão no peito surgiu através do alpendre, com uma metralhadora na mão. Outro homem o acompanhou com a mesma arma em punho, passaram por Clara como se ela não estivesse ali. Cada um ocupou um lado da porta entreaberta que dava saída para a ruela. Armas à mira esperavam o momento certo para despejar no ar toda a fúria daquele ser metálico que traziam às mãos.

A menina conseguia ouvir seu coração e temia que outros também o pudessem ouvir, o que deveria fazer agora? Esconder-se? Chorar? Suas pernas trêmulas deram-lhe um golpe, falharam ao suportar o peso do corpo e lentamente se viu alcançar o chão. Rastejou-se até uma mesa improvisada e debalde tentou proteger-se.

 Venha Clara, rápido, e continue abaixada. — ordenou uma voz que ela teve dificuldade em identificar.

Sua cabeça girava descompassada, não conseguia saber qual direção deveria seguir. Agora tudo estava negro e silencioso. Ao longe via o espelho chamando-a e ela inutilmente estendia as mãos para alcançá-lo. Mais alguns metros e estaria livre de toda a dor.

Seu cérebro tilintava a cada bala expelida pelas metralhadoras; abriu os olhos e viu os olhos misteriosos de Ryan pousados sobre ela. Sua cabeça doía terrivelmente.

- Você está bem? perguntou deitando-a em uma esteira mofada.
- Minha cabeça dói muito. o som ensurdecedor de milhares de balas dançando no ar a deixava apavorada. O rapaz acariciou seu rosto e saiu do local.

Ela olhou ao redor e não sabia onde estava. A julgar pela dor de cabeça desmaiara e Ryan, seu protetor, salvou sua vida. E agora? Percebeu que ainda estava no barraco de madeirite avermelhada, mas agora em outro cômodo.

A esteira onde estava exalava uma mistura de cheiro ocre e

de mofo. Circundando-a três colheres de alumínio, uma caixa de fósforos, seringas e elásticos espalhados pelo chão. Alguns cascos de cerveja estavam caídos em cima de uma mesa de bar enferrujada e ao lado das garrafas copos de vidros, com restos de um líquido amarelo. Mais a frente pode ver algumas trouxinhas caindo de uma sacola de mercado branca com estampas verde, o mesmo lugar onde ela costumava fazer as compras aos sábados. O dono do armazém mandara fazer algumas sacolas com a estampa que, segundo ele, era a logomarca do estabelecimento, todavia vendo o custo, preferiu continuar com as antigas sacolas de papel.

"Meu Deus, o que estou fazendo?" se perguntava desesperada.
"Não sou bandida... por que estou acuada?" Pensou em Dona
Vilma, seu coração se contraiu, ela não merecia mais esse desgosto.
O tráfico lhe roubara a família, assassinara seu filho e prendera seu
marido, agora a mesma coisa estava acontecendo com sua filha.
Sua consciência se tornou sua inimiga, acusando-a, martelando a
crueldade que estava fazendo com sua mãe.

Tentou levantar, não conseguiu. Lembrou-se de Chenara, "onde estaria?".

As balas continuavam pipocando no espaço.

A movimentação se intensificou dentro do barraco. Clara pode ouvir alguém delegando ordens, em seguida uma voz feminina retrucou asperamente.

Não tenho que bancar a babá de ninguém.

 A conversa está encerrada. — finalizou. — Rápido! ordenou a voz que comandava.

A menina ainda era acometida por vertigens, mesmo sentindo sua pele se arrepiar preferiu manter-se deitada na esteira fedida. Fechou os olhos no momento em que percebeu alguém se aproximar do cômodo.

- N\u00e3o sei por que ningu\u00e9m me escuta. retrucou uma voz, supostamente a voz de Lian.
 - Você está exagerando.
- Chenara, eu não quero mais confusão. Chega dessa família...

Clara não compreendeu a fala da ruiva. Talvez o medo perturbasse seu raciocínio

Novos disparos foram ouvidos e as duas mulheres se movimentaram rapidamente. Clara não suportou a angustia de manter os olhos fechados e ao abri-los se deparou com Chenara à margem da janela pequena e precária, talvez o buraco que ventilava o lugar. Trazia na mão um revólver engatilhado e se espremia contra a parede improvisada em tocaia. A ruiva em mesma posição cobria a porta do cômodo.

"Deus, que inferno é esse?" — perguntou-se.

 A princesa acordou? Pensei que tivesse morrido. Que pena... — comentou a ruiva com sarcasmo ao olhar na direção da esteira fedida.

A menina engoliu em seco.

 Você está bem, Clara? — indagou Chenara, atenta à movimentação do lado de fora da janela.

Clara apenas balançou a cabeça, sentada espremeu-se a fim de ocupar o menor espaço possível.

— Fica tranquila, os "Gambé" já foram, estão lá na entrada do morro. Atiram apenas para colocar medo, são uns merdas.

A expressão nos olhos da amiga fez Chenara explicar a frase anterior:

 — Os policiais não estão mais no morro, Clara. Estamos aqui só para prevenir.

O silêncio tomou conta do morro, não havia crianças chorando, nem mulheres gritando, uma paz assombrosa, difícil de acontecer... Chenara e Lian permaneceram ainda alguns minutos de tocaia na janela, mas relaxaram em seguida. Clara continuava encolhida no canto, apenas desejava ir para casa, esconder-se no espelho.

O barulho de uma porta sendo fechada brutalmente seguida de vozes e alguns palavrões conduziram a loira e a ruiva para outro cômodo. Um grito abafado fez Clara levantar da esteira e seguir as duas mulheres. Atravessando o alpendre descascado do barraco viu Chenara agarrada ao corpo inerte de Toledo, o sangue do rapaz encharcava a blusa roxo-clara da garota, a cabeça jogada para trás sinalizava mais uma vida precocemente ceifada.

Clara engoliu um grito desesperado.

(...)

esculpa por tudo. — pediu. Sua voz era uma mistura de decepção, vergonha. Suspirou descarregando no ar todo o peso que sentia.

Clara não sabia o que dizer, estava assustada. Agora, na porta de casa se sentia mais segura. Todavia, sabia que a presença daquele rapaz significava problemas... Queria fechar a porta atrás de si e ir correndo para o espelho, mas desejava ardentemente estar com ele, sentir seu calor... Ficar com ele para sempre!

Ela apenas deu um sorriso com o canto da boca.

Ryan se aproximou ainda incerto, tocou seus lábios suavemente e percebeu a menina estremecer. Temeu que ela saísse de seus braços, mas Clara retribuiu o beijo aconchegando — se em seu peito.

O tempo passara muito rápido. Era madrugada e como sempre D. Vilma estava trabalhando.

Ninguém comentou mais sobre os fatos ocorridos, era melhor fantasiar outra realidade.

CAPÍTULO XII

a manha seguinte a comunidade estava de luto. Foi decretado luto pela morte de Toledo. O comércio estava fechado e na rua homens de bermudão com camisas de malhas amarradas na cabeça seguravam escopetas. Ninguém entrava nem saia da comunidade. Até as crianças pareciam entender o que acontecera e não brincavam pelas ruas e nem na escadaria, nem mesmo choravam. Era um silêncio desolador e perigoso.

Dona Vilma tivera coragem, chegara de seu trabalho às oito horas e tivera permissão para subir para sua casa. Ela encarava aqueles homens de arma em punho não com olhar de medo, mas de ódio e estranhamente eles não se incomodavam com isso. Liberavam sua passagem. Antes das dez horas já estava novamente saindo de casa, tinha de ir para o outro emprego.

Ela encontrou Clara estudando. Não comentou sobre a morte do rapaz na madrugada, sobre o luto. A cada dia que se iniciava a mulher parecia ficar mais amarga.

A filha abriu a boca para conversar, precisava contar sobre seus últimos dias, mas desistiu quando se lembrou de seu irmão... Toda a sua família morrera com ele. Seria injusto com Dona Vilma, como falaria que estava apaixonada por Ryan... Uma lágrima desceu arranhando sua garganta.

Tirou os olhos do livro de matemática financeira e de olhos fechados aspirou o ar fortemente. O cheiro adocicado... Um arrepio revirou-lhe o estômago, sentiu uma mão tocar-lhe o ombro.

- Oi!
- Ryan... virou-se rápido, mas confiante.

Ele estava em pé, calça jeans surrada, a mesma que já usara tantas vezes. Uma blusa de frio vermelha deixava sua silhueta alongada, e novamente as mangas da blusa compridas demais. Seu semblante estava descaído, parecia triste.

Clara se lembrou da conversa que tiveram na mata, em cima da pedra, o motivo de sempre usar as mangas compridas. Nessas horas sentia tanto medo que seus dedos ficavam gelados e as mãos suadas.

Ninguém disse nada. Apenas os olhos se encontravam em uma névoa.

- Senta. por fim disse ela, apontando para a beirada da cama e interrompendo o silêncio frio.
 - Não quero atrapalhar os seus estudos.

Ela sorriu. "Por que nossas vidas se cruzaram nessas circunstâncias?" — se perguntou. Ele era uma pessoa boa...

- Você não vai me atrapalhar... Nunca. levantou-se da velha cadeira e pegando na mão do rapaz o conduziu até a cama. Sentaram-se um de frente ao outro.
- Você é a coisa mais importante que já me aconteceu, Clara!
- sussurrou Não quero fazer mal a você... Nunca... disse

enchendo os olhos de lágrimas.

— Sei que não fará!

O rapaz acariciava as mãos da menina, perdendo-se em seus olhos. Pedia a Deus para que o tempo parasse nesse momento para ficarem juntos para sempre.

Você parece triste... Toledo e você eram muito amigos...
 Entendo o que está sentindo...

Fez-se novamente silêncio no quarto. O rapaz precisava ser sincero com ela, mas não conseguia, na verdade não podia. Falar a verdade poderia afastar sua amada de seus braços.

 Sei o que é perder uma pessoa que amamos... Perdi meu irmão... — suspirou — na verdade perdi toda a minha família.

Ryan não suportou a dor da menina, não era justo esconder esse segredo. A culpa não era sua, se tornara um segredo na noite anterior. Talvez se Lian tivesse ficado de boca fechada agora as coisas seriam como antes. Odiou a ruiva com todas as suas forças.

- Tenho de ir. disse levantando-se e saindo dos braços de Clara.
 - Mas...
- Adeus, Clara. voltou-se a ela e a beijou longamente, seus lábios absorviam os dela freneticamente, com um desespero inconsciente, uma despedida. Clara não conseguia compreender o que estava acontecendo. "A morte de Toledo o afetara profundamente" pensou.

- Mas adeus? sorriu sem graça Parece que você está me abandonando... — concluiu engasgada.
- Não seja boba, menina. disse sem vida, como alguém tentando encenar uma peça de teatro sem ter a mínima vocação para ator. — Apenas preciso ir, tenho algumas coisas para fazer. concluiu com respiração ofegante.
 - Está bem.

O rapaz passou pela porta e desapareceu. Clara sentiu o coração apertado, voltou para os livros.

CAPÍTULO XIII

o vestibular, faltavam apenas alguns dias. A rotina da casa da menina era a mesma: Dona Vilma trabalhando em seus dois empregos, presente no trabalho e ausente em casa. Os estudos camuflavam a ausência da mãe, entretanto Ryan se distanciara e nada conseguia preencher aquele buraco imenso em seu peito... Não a esperava mais no ponto da bifurcação que dava acesso à comunidade depois da escola, nem mais ia a sua casa à noite... Nem entrava em seu quarto sem ser percebido. As visitas ao espelho do banheiro eram ainda mais frequentes, amenizava a dor do desprezo do rapaz. Chenara não ia mais à escola, a última vez que a vira fora no dia do tiroteio no barraco... No dia da morte de Toledo.

Agora o vestibular não era mais tão importante.

O dia amanheceu novamente nublado. Faltava apenas uma semana para o exame de vestibular. Era domingo, mais um dia na vida de Clara, e mais um dia sem Ryan, a menina não sabia mais o que fazer para sufocar a dor lancinante que lhe roubava o ar. Lembranças dos momentos com aquele rapaz zumbiam em seu ouvido, deixando-lhe tonta. Precisava vê-lo urgentemente. Precisava vê-lo.

Há alguns dias cogitava um pensamento, todavia se assustava apenas em pensar em Lian, não confiava na ruiva, ir ao barraco onde possivelmente encontraria seu amado era a certeza de revêla. "E se apenas ela estivesse lá?" No dia da morte de Toledo deixara explícito que desejava a sua morte também: "A princesa acordou? Pensei que tivesse morrido. Que pena..." — e se agora, a sós, ela providenciasse isso? Clara mordeu os lábios, arrepiouse. Por que ela a odiava tanto? De onde a conhecia? A lembrança daquele rosto pálido morava em algum lugar de sua memória, mas não conseguia trazê-la a tona, por mais que se esforçasse.

"— Chenara, eu não quero mais confusão. Chega dessa família..." Essas palavras não se encaixavam, pensava Clara. Será que alguma vez estudara com Lian... Ou sua mãe a conhecia... "Mais confusão..." Que confusão? A que situação ela se reportava?

A cabeça da menina doía, as palavras não faziam sentido. Precisava respirar um pouco, daria uma volta na rua. Tirou a presilha que prendia seus cabelos e os ajeitou com os dedos.

O toque de recolher já acabara, Toledo era mais uma vítima do sistema e ficara esquecido na memória das pessoas da comunidade. Cada um voltara a sua rotina, as crianças brincavam na rua, soltavam pipas e jogavam futebol. Algumas mulheres sentadas na calçada tomavam cerveja e fumavam e soltavam gargalhadas. A vida continuava.

A menina se perdia em pensamentos, apenas caminhava na ânsia de em qualquer esquina encontrar o seu amor. Passou na frente da antiga casa de Chenara. A família se mudou, pelo menos a mãe da menina depois que se recuperou da agressão foi morar em outra comunidade, enquanto à Chenara, não sabia da amiga, ficara sabendo da mudança de Dona Sílvia no dia em que fora à casa da loira, no dia seguinte à morte de Toledo, fora informada por uma senhora baixa, de cabelos grisalhos, que a antiga moradora da casa se mudara para a zona oeste da cidade.

Atravessou a rua de paralelepípedos esburacada nostálgica. Na calçada mal-feita viu um cachorrinho franzino roer o que parecia ser um osso de galinha.

Seu pensamento não saía de Chenara, a amiga não soubera conduzir sua própria vida, Clara não queria imaginar onde ela poderia estar nesse momento. Lembrou-se dela no banheiro da quadra, no dia da festa, naquele local fedido, e depois com uma arma em punho fazendo tocaia... Junto com Lian. Sorriu tristemente porque sua vida parecia se resumir apenas a lembranças... Lembrou-se de seu pai e sentiu uma lágrima ardida machucar-lhe os olhos, depois de Pedro, de como eles brincavam de "guerrinha de cócegas", ela sempre aos gritos fazia sua mãe sair correndo da cozinha para ver o que estava acontecendo com seus filhos... Naquela época Dona Vilma ainda sorria...

— O que você está fazendo aqui, garota?

Clara saiu da nostalgia de seus pensamentos.

- Parece que está querendo morrer... Posso providenciar isso agora para você! — disse aquela voz insinuante que a apavorava.
- Lian? disse trêmula. Por que a encontrara? Olhou de lado e não podia acreditar, estava em frente ao barraco. Como suas pernas puderam ser tão traiçoeiras? Não poderia estar ali, o que faria agora? Não quero confusão. disse sentindo-se acuada. Suas pernas novamente deixavam-na em situação constrangedora, ameaçavam desabar. Voltou a caminhar fixando o chão, precisava do espelho.
- Calma, menininha! disse sarcástica Talvez seja esse ar desprotegido que enfeitiçou o Ryan — o tom zombeteiro deixava Clara ainda mais coagida. A ruiva agarrou-lhe o braço esquerdo abruptamente, fincara a unha do dedo indicador no braço da menina.

Ela se contorcia de dor, como um rato nas garras do faminto gato.

— Ficou louca, Lian? — esbravejou uma voz.

A garota de blusa vermelha decotada e enormes pulseiras nos pulsos largou o braço de Clara e afastouse serpeando, seus longos cabelos de fogo aconchegavam harmoniosamente o rosto.

— Seu protetor, menininha! — concluiu em tom zombeteiro — E lembre-se: nunca ande sozinha! Pode ser perigoso! — sussurrou assustadoramente, caminhando em círculos ao redor da menina. — Muito perigoso! — disse, adentrando no barraco.

Uma lágrima de fraqueza escorreu no rosto de Clara, o pavor de encontrar aquela garota valera à pena, seu amor estava ali à sua frente, camisa preta desbotada e com o mesmo olhar fascinante e sombrio.

Não conseguiu segurar-se, correu para ele. Deixou desabar-se envolta daqueles braços. A princípio, temeu não ser correspondida, mas o afago em seus cabelos a aqueceu.

- Por que você está aqui? apenas balbuciou, esfregando o nariz no cabelo dela.
 - Preciso de você...
- Não quero te fazer sofrer... Precisa se distanciar de mim...
 Seus lábios se encontravam suavemente, um cobrindo o outro com o seu calor.
 - Sofro quando estou longe de você!
 - Oh, Clara... e sugou o ar, abraçando-a fortemente.
- Diz que não vai me deixar sozinha novamente. implorou.
 - Você não entende...

Ela encontrava no peito do rapaz o afago que nos últimos

dias tanto procurou. Não se importava com as palavras que ele dizia, precisava aproveitar aquele momento intensamente, talvez ele pudesse não voltar a acontecer, isso ela temia.

- Não é justo... o rapaz a conduziu até a beira da calçada e ambos se sentaram. Ali, na frente do barraco que tantas coisas já vivera e o local onde podia encontrar Lian, ao lado de Ryan, era apenas mais uma casa que compunha o cenário precário da comunidade onde vivia; não representava perigo.
- Senti tanto a sua falta! Às vezes me assusto com a falta que sinto de você... — confessou beijando-lhe a mão.
 - Também senti sua falta, Clara! Muito...

Novamente a silhueta sinuosa.

- Que cena mais linda! A menininha não sabe viver sem seu mocinho... Ou bandido!
- Você está nos vigiando, Lian? perguntou Ryan asperamente — Acho que já conversamos...
- Já contou para ela? A menininha sabe que seu mocinho é seu algoz? É um bandido? — perguntou leviana, no ápice de um delírio.
- Você não sabe o que fala, garota! Está alucinada. rebateu rancoroso.

A ruiva sorria, cuspia gargalhadas desordenadas. Seus pés pareciam flutuar no chão esburacado.

Lançou mais uma gargalhada no ar.

— Está com medo, Ryan? — disse irônica — Nossa! mordeu os lábios afirmando com a cabeça — Realmente a menininha mexeu com você! Acho que é mal de família...

Clara não conseguia esconder o pavor, não entendia onde aquela conversa poderia chegar.

 — O que ela está dizendo, Ryan? — perguntou entre sussurros.

Mais uma gargalhada, a ruiva ouvira a pergunta.

— Sobre o que estou dizendo? Coitadinha... Nem imagina... Otária! — gritou, agora com voz rude — Olha a mão dele... Nunca viu os três pontos que formam um triângulo? Só alguém sonsa como você para não juntar os fatos! — sua voz era repugnada.

Clara sentiu um frio percorrer-lhe o corpo, lembrouse do dia que vira esses três pontinhos na palma da mão de Ryan... E também os vira na mão de Pedro.

— Basta, Lian! — disse levantando-se — Você é uma vadia e covarde! Porque é infeliz quer que todos sejam como você! — as narinas do rapaz se expandiram e sua respiração estava acelerada — Vamos Clara, chega desse teatro! — falou levantando-se e puxando a menina.

De ímpeto a ruiva saltou na frente dos dois. Seus longos cabelos esvoaçados denotavam uma tigresa pronta para o ataque.

— Sua sonsa! Quer continuar a ser enganada? Nunca se perguntou por que eu a odeio tanto? Seu pai foi esperto... E seu irmão? O Pedro foi um trouxa! Um fraco que não sabia fazer nada certo! — agora eram nítidos seus olhos vermelhos e as lágrimas escorrendo. Esfregou a mão no nariz a fim de secar o catarro.

A cabeça de Clara girava como em uma roda gigante, ora estava fora de si ora tentava compreender o que a garota esbravejava.

Olhou para Ryan não sabendo mais se poderia confiar nele. "Afinal, em quem poderia confiar?" se perguntou. E o que aquela garota estava dizendo de sua família, de seu pai preso e de seu irmão morto? Já fazia tanto tempo... Ela os conhecia?

- Como é tapada! cambaleava e gargalhava freneticamente. Oscilava entre momentos de lágrimas e gritos.
- Vamos, Clara. interrompeu Ryan agarrando no braço da menina e pondo-se a andar.

Clara bruscamente se soltou.

— Chega! — gritou — O que você está dizendo, Lian? Como conhece Pedro e meu pai? — arrancou suas últimas forças — O que você está me escondendo, Ryan? questionou, segurando uma maldita lágrima que pulava de seus olhos — Sobre o quê ela está falando?

— Acho que é hora de contar a verdade para a menininha... — sussurrou forjando voz inocente. Voltou para dentro do barraco, mas antes completou: - Se você precisar, Clarinha, faço uma "carreirinha" pra você! Serão fortes emoções...

Nada que ouvira fazia sentido, precisava de explicações. Percebeu que sua cabeça doía em raios lancinantes, desejava refugiar-se no espelho, mas precisava de respostas. Sentou-se na beira da calçada ansiando explicações.

Não precisou pedir, Ryan sentou-se ao seu lado e relutava em abrir a boca.

- Ryan, pelo amor de Deus, você me deve explicações.
 O rapazolhava o chão, alguns pingos de chuva começaram a deslizar por seus cabelos.
 - O que está acontecendo? implorou. Sua voz era falha.

O rapaz passou a mão no cabelo jogando-o para trás, secou as gotas de água que escorriam pela cabeça atravessando seu rosto.

Suspirou.

 Clara, tem certeza que você quer saber a verdade? perguntou.

Ela apenas assentiu. O rapaz pode notar como estava mais bonita molhada pela fina chuva, as gotinhas de água refletiam sua inocência.

Um peso enorme pressionava suas costas, não havia mais o que fazer, Clara merecia a verdade, mesmo sabendo que a verdade levaria aquela linda menina para longe dele. Mas era a atitude mais sensata a ser tomada. O peito doía muito, amava aquela garota, o desespero de não mais têla em seus braços o sufocava. Apenas esticou o braço, fazendo com que a manga comprida da camisa deslizasse deixando à mostra a mão, e nela os três pontos pretos em forma de triângulo.

A menina já vira aquela espécie de tatuagem antes, na própria mão de Ryan e também, nessa ocasião, recordarase dos pontos que também vira na mão de Pedro, mas não juntara os fatos, também não faziam sentido.

 — Isso, Clara, significa... — oscilou, engoliu uma pedra que atravessava a garganta, causando uma dor insuportável.
 — significa traficante. — finalmente concluiu.

Ela apenas expirou, as palavras de seu pai no dia da morte de Pedro soaram como badaladas de um sino fúnebre. — "Esse menino é traficante, Vilma..." — e o medo retornou mais forte assombrando-a. "Então era verdade, papai sabia realmente o que estava acontecendo com Pedro. Os três pontos pretos na mão dele..." um frio repentino tomou-lhe conta das pernas, tremia visivelmente.

— O Pedro também tinha na mão. — continuou —
 Éramos amigos... — o rapaz esperou a pior reação da garota,
 mas ela continuava muda, revivendo os fatos em sua memória.

"Amigos" — ela repetia no pensamento. Reconstruiu a imagem da polícia levando seu pai algemado e o IML colocando o corpo de Pedro, já dentro de um plástico preto, dentro de um carro. Muitas pessoas acompanhavam o trabalho dos peritos. Algumas vizinhas abafavam o choro com olhar de súplica na direção de Dona Vilma, que era socorrida por uma ambulância, ainda inconsciente. Ela e a mãe nunca conversaram sobre a tragédia que acorrera naquele dia. Era uma tarde de sol. Semanas depois a casa de terraço e peixinhos no banheiro fora entregue ao proprietário e Clara se lembrava do encontro que tivera com a mãe na nova casa, a mesma que até hoje elas moravam, anos após o fato.

Lembrava-se perfeitamente dos dias que passara na casa de uma tia, enquanto a sua mãe se recuperava das fraturas ocasionadas pelo forte impacto contra a parede. Nem ela nem Dona Vilma foram ao enterro de Pedro, a prefeitura fornecera um caixão comprado com recursos da Secretaria de Ação Social e alguns amigos, vizinhos e parentes próximos foram prestar as homenagens fúnebres, foi o que contara a tia que estivera cuidando dela nessas semanas que pareciam nunca terminar. A distância física da mãe, decorrente de sua convalescência, foi o

início da ausência contínua de Dona Vilma, a morte do filho primogênito e a prisão do marido destruíram todo o amor e compaixão que um dia ela tivera com a família, ou com Clara.

A menina ainda pode sentir o cheiro de bolo quente que exalava do forno horas antes da tragédia. A mãe desligara o forno sorrindo por perceber que o bolo ficara com cheiro apetitoso. Fora estender algumas roupas que estavam de molho no tanque do terraço grande. Vendo a mãe ir para o terraço, Clara foi também. Mais ao lado brincava com suas bonecas, em um mundo feliz e alegre. Aquela fora sua última brincadeira realmente feliz...

— Clara — chamou Ryan hesitante — você está bem? Ela estava perdida em pensamentos e lembranças, vivendo novamente a angústia daquela tarde.

"Parada a beira da rua, Clara via a movimentação da polícia e dos bombeiros, uma senhora, vizinha, abraçou-a, tentando confortá-la".

 Clara, pelo amor de Deus, responde! — suplicou Ryan vendo sua palidez.

Agora, olhando para o rapaz perguntou:

 — E quanto a Lian, o que ela tem a ver com tudo isso? perguntou, e desviou o olhar para o chão.

O rapaz molhou os lábios com a língua. Sabia que cada explicação aumentava o abismo que estava separando-os.

Manteve-se calado por alguns minutos, mas o olhar gélido dela pareceu lançar-lhe uma faca no peito, apenas olhou nos olhos dele e retornou o olhar para o chão, para algo que só ela via.

Não podia mais esconder a verdade.

 — Ela — respirou fundo oxigenando os pulmões, buscou forças — Lian era namorada do Pedro.

A menina apenas fechou os olhos tentando compreender o porquê do ódio que a ruiva sentia por ela. Em um espasmo viu o IML levando o corpo do irmão em um saco preto para dentro do carro e simultaneamente, do outro lado da rua, uma garota de cabelos esvoaçantes e ruivos bradou em alta voz, uma voz sufocada, dolorida, que no meio da confusão passou despercebida. Ao lado desta ruiva estava um rapaz, cabelos cortados rente ao couro cabeludo, com um cordão de prata extremamente grosso. Havia ainda um homem forte, de olhar frio junto a eles.

- Lian e Toledo... balbuciou. As lágrimas brotavam de seus olhos desesperadas. Precisava saber da verdade, toda a verdade que enterrara sua família, junto com Pedro, em uma cova.
- Por que Lian disse que não concluiu a pergunta. Não tinha forças, mas precisava arrancá-la de algum lugar — Por que Lian disse que Pedro não fazia nada certo? — uma faca estilhaçava suas costas, era uma dor insuportável reviver toda aquela angústia.

A chuva fina agora se transformara em baldes de água caindo do céu, incessante.

— Conhecemos o Pedro alguns meses antes de tudo acontecer, após um jogo de futebol fomos beber em um bar, ele também. Estava pronto para tudo, sem limites. Já bêbado não parava de encarar a Lian, ela se sentou à mesa com ele e bebiam juntos. Riam muito. O Toledo chegou com algumas trouxinhas... — para o rapaz também era triste relembrar àquele momento — fizeram uma aposta, ele aceitou. A partir daí se juntou a nós... Não apenas usava, mas também passou a vender, e parte do dinheiro das vendas era para presentear Lian com roupas de grife e festas.

Clara visualizava cada acontecimento narrado.

— Lian era garota de programa. Tinha que sustentar a avó que morava em outra comunidade. Mas Pedro proibiu que ela continuasse... E passou a não apenas dar presentes, mas também dinheiro para as despesas da casa.

A menina talvez entendesse a razão do ódio da ruiva, sofrera muito.

Pedro vendeu para um cara, ele não quis pagar... Obrigaram-lhe a — hesitou — a "apagá-lo". Foi o que ele fez. — concluiu, abaixando a cabeça.

"O gari" — pensou Clara. Expirou. A chuva parecia não incomodá-la, sentia que seu peito era esmagado.

— As ordens foram para ele fazer o serviço à surdina...
Mas... Eu não podia fazer nada. As dele haviam acabado então pegou algumas comigo... Justo aquelas que foram vendidas para o gari. Eu precisava receber para acertar com o chefe...
Perdoe-me, meu amor! Por favor! — o rapaz não conseguia esconder as lágrimas de arrependimento e comoção.

Nesse momento a menina pode perceber que as ordens para matar o gari vieram de Ryan. A dor agora era maior, dilacerante e arrancava-lhe o ar sem piedade alguma. Sentiu nojo de si mesma, do rapaz... Levantou cambaleando e nauseada. Precisava do espelho desesperadamente.

— Clara! — chamou em pé ao lado dela. Pode notar seu desespero transpassado pelo olhar gélido — Perdoe-me... Por favor — implorou novamente — eu te amo!

E em um esforço imenso ela gritou:

Aos poucos não havia mais a dor.

— Se você fizer todas as lágrimas que derramei voltarem aos meus olhos... Talvez possa perdoá-lo. — e caiu ajoelhada no chão e não viu mais nada. A noite ficou ainda mais escura, todavia não sentia a chuva deslizar por sua pele e nem o friozinho causado pelas roupas molhadas. A cabeça doía muito, terrivelmente, como se acertada por uma barra de ferro.



CAPÍTULO XIV

briram-se lentamente os seus olhos, o ambiente estava escuro, conseguiu identificar alguns móveis, a mesinha com vários livros... Estava em casa. Surpresa se sentou na cama, sentiu o cabelo ainda molhado, mas seu corpo estava quente por baixo do edredom que sempre cobria sua cama. Percebeu que suas roupas não estavam molhadas e por um instante não conseguia discernir se estava sonhando. Lembrou-se de Ryan e das descobertas. Estava confusa, eram verdadeiros os fatos de que se recordava?

Levantou-se da cama.

- Clara, o café está pronto. Estou indo para o trabalho.

A menina sentiu pena da mãe, do sacrifício diário para por comida dentro de casa. Devia ter acabado de chegar e já estava saindo para o outro trabalho. Se Dona Vilma soubesse de tudo que ela descobrira... Mas era melhor a vida continuar como estava, as feridas do passado poderiam ser maiores ainda, especialmente se ela soubesse que a filha amava o responsável pela morte de seu primogênito e pela prisão de seu marido.

Com um copo de café na mão Clara tentava entender como fora parar em seu quarto, confortavelmente cuidada e segura. Repassava toda a história contada por Ryan. Sentiu uma dormência percorre-lhe as pernas.

— Você está bem? — era ele. Trajava uma calça jeans surrada, a mesma que sempre usava e uma camisa vermelha, de manga longa.

O mesmo perfume adocicado que a menina sentira meses antes, pela primeira vez no bar na entrada da comunidade, quando ainda tinha a amizade de Chenara, agora também embebedava sua casa.

Ao vê-lo uma mistura de emoções tomou conta dela, ao mesmo tempo em que desejava lançar-se em seus braços queria vê-lo morto.

O silêncio o deixou sem atitude, envergonhava-se por tudo que a fizera, por todo sofrimento e dor que causara.

— Estou bem — disse por fim — você me trouxe para casa ontem? — tentava transpassar uma voz fria.

Ele apenas afirmou com a cabeça.

- Obrigada. - concluiu com voz inaudível.

Perante a reação dela Ryan se virou, viu sobre a mesa uma garrafa de café e um copo sujo, lembrou-se de Dona Vilma. A vergonha era ainda maior. Caminhou em direção à porta de saída. Uma mão tocando seu ombro parou suas pernas. A menina pousou o copo que segurava em cima da mesa e o olhava nos olhos.

- Não vá. neste momento ela não conseguiu ouvir a razão e mergulhou naqueles olhos negros e sombrios. As mãos de ambos tremiam desesperadas e seus lábios se encontraram relutantes, talvez não tivessem certeza do que faziam, ódio, tristeza e amor se confundiam naquele momento.
 - Clara, por favor, perdoe-me... sussurrou.

Ela se sentia estranhamente protegida nos braços dele, mesmo após tudo o que acontecera, tudo o que descobrira, mesmo pensando em sua mãe.

(...)

semana passou muito rápido. O exame do vestibular seria no dia seguinte. Clara sentia uma reviravolta estonteante no estômago, calafrios percorriam seu corpo e uma agitação tomava conta de seu interior. Sabia que estava às portas de uma mudança de vida, não poderia perder essa oportunidade, já fizera inscrições em várias universidades e a julgar por suas notas tinha chances enormes de conseguir uma bolsa de estudos integral.

A senhora Rosa, professora de Língua Portuguesa, comentara sobre um programa de estudos de uma universidade onde os alunos dormiam em alojamentos custeados pelo estado; a condição para isso era que os educandos desenvolvessem projetos em suas respectivas áreas e semestralmente apresentassem-no para o colegiado, a fim de descobrirem novos talentos e colocar em prática novas idéias. Clara, por influência dela, se inscrevera para essa universidade, mesmo localizando-se em outro estado.

 Você tem potencial, Clara! — sempre repetia a senhora gordinha de grandes bochechas rosadas e sorriso acolhedor.
 Nessa Universidade a redação é imprescindível para a

aprovação, e você menina, tem a melhor redação da escola!

Era bom ouvir aqueles elogios da professora, mesmo que a menina desejasse ouvi-los de sua mãe.

Às vezes Clara não sabia se a ansiedade que sentia era por causa do exame ou por causa de Ryan. Todas as descobertas... Mexer na ferida não fora fácil. Chegou a pensar em visitar o pai na cadeia, já não o via mais com os mesmos olhos de antes, talvez de alguma forma hoje conseguisse entendê-lo. Suspirou. "Acho que não seria uma boa ideia..." — concluiu por fim. Também desejava contar toda a verdade para Dona Vilma, mas isso significava expor Ryan. "Por que ele fizera aquilo?" — perguntava-se. Eram tantas indagações, se ela pudesse prever o futuro saberia exatamente a reação de cada ato, saberia como Dona Vilma reagiria a toda verdade que ela descobrira. A pequena possibilidade de sua mãe, após tomar conhecimento da verdade, perdoar seu pai e voltar a ser aquela mulher carinhosa de outrora lhe despedaçava o peito. "Mas, quanto a Ryan?" Amava-o o suficiente para não ter coragem de correr nenhum risco.

CAPÍTULO XV

Stava cansada de estudar, letras e fórmulas embaralhavamse em sua cabeça, iria explodir. Precisava de um banho.

A água quente escorrendo pelo seu corpo a relaxou, cada músculo parecia cansado e enrijecido, suplicando por descanso. Permaneceu ali, embaixo d'água por alguns minutos e pode perceber suas forças revigoradas. Todavia, sem perceber, seus olhos trouxeram à tona a imagem de seu pai sendo levado algemado pelos policiais, o rosto de Lian em gargalhadas assustadoras também reapareceu. Desesperada abriu os olhos, com a boca entreaberta respirava com dificuldade enquanto a água continuava caindo sobre seu corpo.

Enrolou-se na toalha, seus olhos eram vagos. Olhou seu reflexo no espelho. O espelho... Mergulhou...

De repente estava no mesmo lugar, no banheiro enrolada na toalha lilás com ramalhetes nas extremidades. Por um instante teve a sensação de ter mergulhado para dentro do espelho, mas continuava em sua casa. Olhou para as paredes, para a infiltração na parede atrás do lavatório. Suavemente deslizou as pontas dos dedos pela superfície maciça do espelho e percebeu que não havia como transpô-lo. Não sentia mais a angústia e a dor no peito, a mão que apertava a garganta não existia mais... Um alívio desconcertante acalmou sua alma.

Ao abrir a porta de seu quarto, o delicioso perfume adocicado estava lá.

- Ryan? ainda se assustava com a presença inesperada do rapaz, a habilidade de abrir portas não poderia ser considerada uma qualidade. Retornou correndo ao banheiro e minutos depois apareceu no quarto vestindo um vestido de seda florido — também ganhado da patroa de sua mãe.
 - Senti saudades.

O jeito moleque encantava a menina, às vezes parecia não importar-se com o mundo.

 — Quero te falar uma coisa... — disse hesitante. Pegou-a pela mão e a puxou para que sentasse ao seu lado. — Você é linda, sabia?
 — a menina sentiu um rubor. — Casa comigo, Clara?

Clara deu um salto. Entendera corretamente? O rapaz falava em casamento? Ela não esboçou reação alguma, nem sabia o que dizer, não conseguia.

— Vamos embora daqui! Deixar para trás tudo isso... Todo sofrimento e dor... Recomeçar em algum lugar, só nós dois! Eu te amo e quero viver ao seu lado, garota! — beijou-a longamente, o calor daquela boca a amolecia. Perdia-se no perfume adocicado.

Uma lágrima escorreu dos olhos dela, não teve coragem de contar que no dia seguinte prestaria seu primeiro exame de vestibular.

(...)

gora era apenas esperar, fizera prova em várias universidades dentro do estado e também naquela indicada pela professora Rosa. O resultado era a expectativa de uma vida melhor, e principalmente, a oportunidade de ajudar sua comunidade. Desde o dia que Ryan a pedira em casamento ele não comentara mais o fato. Talvez se convencesse que agira precipitadamente. Não a deixou responder se aceitava ou não o pedido, ou ficara com medo da resposta.

Voltando da escola em um dia ensolarado, nas escadarias que davam acesso a parte mais alta da comunidade, Clara viu algumas pessoas movimentando-se, mais a frente duas ou três pessoas pareciam paradas olhando para o chão. Aproximando-se ficou horrorizada, uma mulher deitada no chão, calça jeans e uma blusa vinho colada ao corpo com babados nas largas mangas. Os braços cheios de hematomas. No pescoço, visivelmente, uma picada mascarada pelo roxo do sangue machucado. Seus cabelos ruivos pareciam um travesseiro aconchegado à cabeça. Era Lian.

Meu Deus! — exclamou Clara jogando a mochila no chão e ajoelhando-se ao lado da moça. — Lian — chamava inutilmente
 Lian, fale comigo! — implorava. — Alguém chamou os bombeiros, a ambulância? — gritou.

Um rapaz deu de ombros e os demais que ali acompanhavam a cena saíram sorrateiramente.

 Meu Deus, parecem animais! — pensou contendo as lágrimas de indignação. Saiu correndo a procura de um orelhão e chamou a emergência, após quarenta minutos ela chegou.

A menina permaneceu ao lado da ruiva até o socorro chegar, os bombeiros procuraram a jugular da moça estirada ao chão e com olhos de pesar anunciaram a Clara a morte da garota.

— Supostamente overdose, a julgar pela enorme quantidade de hematomas no corpo. — declarou um homem baixo, com a barriga proeminente que pressionava o botão da camisa.

Clara continuou onde estava, apenas permitiu que as lágrimas percorressem livremente seu rosto.

No momento que os bombeiros se preparavam para chamar o carro que levaria o corpo, um homem alto, com uma tatuagem que se iniciava no pulso e se perdia por baixo da manga direita de uma camisa preta os interrompeu.

- Podem retirar-se, eu cuido dela.
- Mas...

Ele apenas lançou-lhes um raio através do olhar, entenderam que a permissão para entrar na comunidade havia acabado. Sem falar mais nada os bombeiros se retiraram, deixando o corpo de Lian deitado nos degraus da escada.

Clara temia aquele homem, seu rosto era frio e parecia não haver expressão alguma, nem perdão ou misericórdia.

Pode ir, garota! — ordenou entre os lábios.

Ela apenas engoliu em seco, agarrou-se à sua mochila e foi para casa.

À noite, quando Dona Vilma havia saído para trabalhar, Ryan apareceu enquanto ela assistia TV.

- Oi.

Como sempre acontecia ela se assustou com a inesperada visita, encarando nos olhos dele se perguntou sobre o risco que os moradores da comunidade corriam com esse ir e vir dentro das casas. Não importava se existiam cadeados, trancas ou tramelas, ele conseguia passar por todos sem destruí-los, e ao passar deixavamnos da forma que os encontrara antes: fechados. Temeu.

- Não me acostumo a esse seu jeito de entrar.
- Se é ruim pra você posso chamar na porta.

Ela sorriu um pouco sem jeito, queria fazer uma pergunta, mas não mensurava a reação do rapaz. Apenas olhava-o.

- Algum problema? perguntou erguendo as sobrancelhas. Não conseguia imaginar que um dia sentiria algo tão forte que ele não pudesse explicar. Apenas o olhar dela o encantava, era linda, excepcionalmente linda.
 - Quantos amigos seus conseguem fazer isso?
 - Isso?
 - Esse negócio de abrir as portas...

Ele sorriu, ela era ainda mais maravilhosa quando desconcertada, procurando as palavras para não ofender.

- Fique tranquila! - sorriu. - Aprendi com o meu pai,

quando ainda morávamos no norte do estado. — e de repente seu sorriso sumiu — Já faz tanto tempo... — aspirou.

Neste momento Clara entendeu que todos trazem marcas profundas da vida. Cada um tem uma forma de escondê-las, às vezes acertam e às vezes erram.

- O que aconteceu com o seu pai?

O rapaz molhou os lábios com a ponta da língua, enterrara esse assunto há muitos anos.

— Não sei. Após a morte da minha mãe nunca mais ouvi falar nele, pode estar morto ou preso — deu de ombros — Não voltei mais para a minha cidade.

Ela percebeu o desconforto da conversa. Voltou os olhos para a TV e ficaram em silêncio por alguns momentos.

- E quanto a Lian? ela perguntou.
- Cascata deu jeito.

Os olhos de revolta fervilharam na menina, como alguém pode dar "jeito" em um corpo?

- Cara, é um ser humano! Como você pode dizer que deram jeito? É uma cidadă e merece respeito, pelo menos direito a um funeral decente!
- Você não entende... colocou em voz baixa a vida não é um conto de fadas... por fim esbravejou O mundo não é um lugar bom, Clara! Por pior que seja a sua vida você ainda tem uma vida! Tem uma família!

Uma enorme vontade de vomitar subiu-lhe na garganta, ela tentava segurar.

— Eu tinha uma família, até você destruí-la! — vomitou. Ao terminar a frase percebeu o erro que cometera, imediatamente bandos de lágrimas fervilharam em seus olhos.

Ryan sentiu a veracidade daquelas palavras, e sentiu uma dor desconhecida. Apoiou as mãos no encosto surrado do velho sofá e de cabeça baixa balbuciou:

- Perdoe-me, por favor!

Como um gato em pisadas suaves desapareceu da casa da garota.

Clara desabou sobre o sofá, odiava-se profundamente, odiava a sua vida, e pela primeira vez odiou a sua comunidade.



CAPÍTULO XVI

Jizera as últimas provas escolares, fechara o Ensino Médio honrosamente, tivera as melhores notas de toda a escola. Os professores eram unânimes em afirmar que aquela era a melhor aluna que a escola já tivera.

O resultado do vestibular saíra, Clara sentiu as pernas bambas ao ver a relação dos aprovados, seu nome apareceu entre os dez melhores colocados em dois dos vestibulares que prestara. Respirou profundamente, aliviada, realizaria seu sonho, ou estava muito perto dele. As duas universidades eram situadas próximas à comunidade, todavia também conseguira ser bem colocada no vestibular da faculdade que a professora de Língua Portuguesa indicara, aquela que oferecia alojamento aos estudantes em troca de trabalhos de pesquisa. Era em outro estado. Pensou em Ryan e a alegria de antes dera lugar a angústia.

Observando o movimento de pessoas no mural das duas universidades e vendo a alegria dos aprovados e de suas respectivas famílias se lembrou da tragédia que acometera sua casa há anos. Desejava muito que sua mãe estivesse com ela nesse momento tão importante, entretanto a presença de Ryan talvez fosse mais importante que a de sua própria mãe, nos últimos meses estivera mais em companhia dele. Só em pensar naquele rapaz sua respiração oscilava. Desde que lançara aquelas malditas palavras na

sala de sua casa não vira mais o rapaz, e ele fazia muita falta em sua vida. Seus olhos negros e desconhecidos, seus cabelos e o perfume adocicado delicioso faziam uma enorme falta.

Em casa Clara imaginava como seria contar para sua mãe, em seu pequeno intervalo de descanso entre um trabalho e outro, que fora aprovada em três vestibulares, especialmente naquele que fornecia alojamento. Podia ver no rosto de Dona Vilma o que não presenciava há muitos anos, um brilho inexplicável. Ela apenas balançaria a cabeça e perguntaria quando começariam as aulas, mas seus olhos denunciariam a alegria e o orgulho que tinha da filha, pena que se esquecera de como expressar em palavras a felicidade. Clara sentiu pena da mãe, mais uma vez.

A noite estava fria e chuvosa, Clara não precisava mais estudar, passar noites em claro na companhia de livros, cadernos e canetas. Debruçada no parapeito de madeira da janela do quarto olhava a rua. Acompanhava o trajeto das gotas d'água até se dissiparem no chão precário.

Uma ponta de saudade penetrou seu peito. Uma dor fina, que empurrava as lágrimas para fora de seus olhos. Fechou as pálpebras e viu a imagem de Ryan, como era bonito, seus olhos eram estranhamente obscuros, mas sedutores. Relembrou todos os momentos ao seu lado... A festa na quadra, o tiroteio, a mata... Sabia que esse pensamento não poderia passar por sua cabeça, mas às vezes desejava largar tudo e ficar com ele. Por que não poderia

fazer essa escolha? Lembrou-se de Chenara, ela sempre dizia que Clara era muito chata, pensava muito antes de agir, talvez estivesse certa... Se a decisão fosse da loira resolveria rápido, ficaria ao lado do rapaz que amava. Também sentiu saudades de Chenara, daquela baixinha travessa e impertinente, sua melhor amiga, o que teria acontecido com ela?

Secou as lágrimas, a água ainda caía do lado de fora da casa. Abriu o guarda-roupa das portas de relevo em forma de flores e pegou o micro system embaixo de algumas cobertas. Desde que começara a saga de estudos guardara-o, não podia perder tempo. A velha mesa de fórmica não abrigava mais os livros, pousou o rádio sobre ela e colocou um CD de rock, os gritos das cordas da guitarra faziam-na descansar e flutuar. Deitouse na cama, no escuro, ao choro do solo de guitarra. Por um momento se sentiu vazia.

 Quer que eu volte e chame na porta? — perguntou segurando a mão dela. Clara sentiu o peso do corpo do rapaz afundando o colchão ao seu lado.

Mesmo sabendo que o rapaz entrava em sua casa sem chamar, ainda se assustava. Sorriu.

- Se você chamar não será o Ryan que conheço.
- Ficaram deitados na cama, embalados pelo rock.
- Não sabia que gostava desse tipo de música.
- Muitas coisas você não sabe a meu respeito...

- Mas quero descobrir, se você deixar... o rapaz sentia algo enorme em relação àquela garota, algo que transcendia a amor carnal, algo que nunca sentira e nem imaginava que pudesse existir.
- Senti sua falta... desculpa por dizer coisas sem pensar, dói muito, tudo! Principalmente... — teve medo de completar a frase, de dizer algo e estragar o momento.

Clara sentiu o rapaz apertar sua mão e conduzi-la até o coração dele.

- Principalmente a sua ausência. finalmente completou.
- Se você deixar, não quero mais ausentar-me da sua vida.

Clara sentiu uma dor absurdamente grande, um punhal girava no peito.

- Lembra-se do dia que a vi nas escadarias? Acho que estava indo para a escola... O Toledo não me disse quem era você, receou se poderia completar a frase no dia da morte do Pedro... esperou para ver a reação da menina e prosseguiu, percebendo que ela não se movera você era tão pequena, menininha... Linda... e nas escadas fiquei surpreso com a garota linda que passava. expirou Tive de me controlar para não ir falar com essa garota, o Toledo não deixou, disse que eu estava ficando maluco em tentar me envolver com você, mas não me disse que era irmã do Pedro. Minha vontade foi de pegá-la no colo e beijá-la... Não sei explicar. deu uma risadinha sem graça.
- Engraçado começou ela foi estranho para mim também, eu não quis beijá-lo, — riu — mas não sei explicar...

Uma nova faixa tocava no rádio, uma melodia mais suave, mas a guitarra continuava chorando.

 Estou louco por você, — sussurrou, encontrando seus lábios. Um calor agitou o corpo de ambos, as mãos se procuravam receosas. Vou embora. — disse com a respiração entrecortada, tocando suavemente seus lábios.

Clara tocou o rosto do rapaz, em sua garganta as palavras estavam entaladas, precisava contar a ele sobre as universidades, mas nesse momento não teve coragem.

- Fique mais um pouco. suplicou.
- Não posso, não quero fazer nada que eu possa me arrepender. Você é muito especial para mim... — e novamente a beijou com a delicadeza de quem toca em uma fina camada de vidro. — Durma bem, meu amor.

A menina adormeceu com essas doces palavras dançando em sua mente, como alguém sensível e maravilhoso poderia levar uma vida como a que ele levava, não conseguia entender, sempre pensara em monstros cruéis e sem alma e coração. Neste momento percebeu como, por toda a sua vida, julgara as pessoas.



CAPÍTULO XVII

estava a alguns passos. Avistou um aglomerado de pessoas rodeando o mural de avisos. Mais próxima pode ver em letras garrafais RELAÇÃO DE APROVADOS NO VESTIBULAR. Parou. Observava alguns jovens procurando seus nomes freneticamente naquele papel preso a lousa branca. Alguns procuravam minutos inteiros, de alto a baixo, por várias vezes e já decepcionados abandonavam o local com olhos lacrimejantes, amparados por pessoas mais velhas, talvez seus pais. Outros, ao ver seus nomes na relação, saltavam de alegria e agarravam-se mutuamente, nem se conheciam, mas dividiam a euforia da aprovação no vestibular.

Respirando fundo Clara tomou coragem e caminhou em sentido ao mural de avisos. As pernas tremiam, fora aprovada em outros vestibulares, mas a ânsia de mais um resultado era enorme. Espremendo-se entre as pessoas que ainda continuavam em frente à lousa se pôs a procurar seu nome. Clara Ana da Silva, Clara Soares, Clara Tanis... Era ela, seu nome estava entre a lista dos aprovados. Soltou um grito de felicidade, ficara em 5º lugar no curso de Serviço Social, na relação geral da faculdade ficara em 10º lugar. Enfim as oportunidades se abriam, um alívio fez brotar de seu rosto um sorriso. Quem sabe agora poderia conciliar Ryan com a faculdade, bastava apenas que Dona Vilma aceitasse o namoro.

Na manhã seguinte, mesmo não precisando mais ir à escola, Clara foi correndo contar para a professora Rosa sua ótima colocação no vestibular, apenas os alunos de recuperação final estavam no local. Não podia conter sua alegria. Ainda não contara para sua mãe da aprovação, pois na noite anterior ela não viera para casa, de um trabalho já fora direito para o outro. Ryan também não sabia.

- Professora Rosa! disse, respirando fundo por andar rápido na expectativa de encontrá-la o quanto antes. — Posso falar com a senhora? — pediu, encostando-se na porta da sala de aula onde a professora lecionava.
- Clara! Que bom vê-la, querida! Também quero falar com você.
 voltou-se aos alunos no interior da classe
 Só um momento, meninos, já volto.

Ambas caminharam pelo corredor da escola até chegar à sala dos professores.

- Professora, passei em 5* lugar para Serviço Social! não se conteve a menina.
- Parabéns, querida! disse visivelmente orgulhosa. Mas espera, e caminhando na direção de um computador digitou um endereço na internet. Rapidamente abriu uma página da relação de aprovados no vestibular. Era o exame da qual tanto a professora a incentivara a prestar, a universidade que dava alojamentos aos alunos que trabalhassem em projetos de pesquisa. Querida, seu nome está aqui! Você foi aprovada! e a senhora rechonchuda abraçou-a fortemente.

Clara viu seu nome na relação de aprovados, já sabia que passara naquela universidade também. Não sabia o que dizer. Estava muito feliz, era a oportunidade de sua vida! Todavia teria que abandonar sua mãe e seu grande amor.

O percurso até sua casa transcorreu tranquilamente, o ônibus estava abarrotado de usuários, a menina se sentou em uma cadeira da janela e deitou a cabeça no vidro. Por um instante olhou para o trocador, ele parecia não se lembrar mais dela, não procurava mais por Chenara. Uma saudade bateu forte. Há alguns meses não tinha mais notícia da amiga. O que teria acontecido? Temeu os horrores em que pensou.

Lembrou-se de Ryan, das aprovações, ainda não decidira para qual faculdade iria. Claro que a universidade que fornecia alojamento seria a melhor opção, mas quanto a ele? Também não gostaria de deixar sua mãe sozinha. Na verdade ela sabia qual caminho tomar, mas o coração estava falando mais forte e machucava.

Chegando a sua casa observou a lâmpada acessa. Um cheiro bom saía da cozinha.

- Mãe? A senhora em casa? disse vendo a mulher em pé ao fogão.
- Como não vim em casa ontem a Dona Lourdes me deu o resto do dia de folga. Vamos almoçar? Está pronto.

Sentaram-se à mesa, algo que Clara nem lembrava quanto tempo não faziam, a menina sempre fazia as refeições sozinha

devido à carga horária extensa da mãe. A comida estava deliciosa. Bem melhor do que requentada, como sempre comia.

- Mãe, tenho uma notícia.

A mulher não esboçou reação alguma, continuou comendo.

Fui aprovada no vestibular.

O garfo da mão da senhora foi pousado sobre o prato. Por um momento a mulher mordeu os lábios e sorriu.

 Aprovada? De verdade? — perguntou, transparecendo o orgulho que sentia da filha.

Clara assentiu com a cabeça.

- Tenho que decidir se vou fazer a faculdade aqui ou se vou para a universidade, é em outro estado. Eles têm alojamento para os alunos que desenvolvem projetos dentro da instituição.
- Nossa! disse Dona Vilma nitidamente sem compreender o que a filha dizia.
 - E qual é melhor?
 - A universidade...
- Então é para lá que você vai! afirmou A gente vai se virando, eu mando dinheiro para você... Vou entregar essa casa ao dono e será menos uma despesa.

Clara ficou triste por perceber como Dona Vilma confiava nela. Trabalhava dia e noite para que ela pudesse apenas estudar e agora se sacrificaria ainda mais para que pudesse manter a

filha na universidade. Sorriu tristemente, e quanto a Ryan? "O que seria justo nessa vida?" — perguntou-se.

A reação de D Vilma fora bem melhor do que ela imaginara.

À tardinha estava novamente sozinha, Dona Vilma fora fazer um "bico". Precisavam de mais dinheiro, sua filha iria para a universidade. A televisão era boa companheira. Não prestava atenção no programa, apenas pensava nas decisões que deveria tomar.

— Clara! — chamou uma voz da porta.

Um arrepio gostoso percorreu-lhe o corpo, mas não poderia ser Ryan, ele nunca chamava.

À porta viu o rapaz, como de costume a camisa de manga longa mesmo no calor do verão.

- Ei! sorriu Você não costuma chamar!
- Resolvi mudar, e essa n\u00e3o ser\u00e1 a \u00eanica mudan\u00e7a! Por voc\u00e8, meu amor, serei outra pessoa!

Clara viu seu corpo desabar.

- Vem comigo. disse puxando-a pelo braço.
- Aonde nós vamos, Ryan?

A menina viu a velha cerca de arame farpado, os limites da ruela. Lembrou-se do dia que foram na pedra, no meio da mata.

— Tenho uma surpresa para você, mas só lá na pedra...

O trajeto até chegar à pedra parecia interminável. O mato estava ainda mais alto que há algum tempo. Ao passar por uma árvore de tronco fino e um pouco descascado a menina se lembrou

dos dois rapazes que outrora encontraram fumando. Aspirou o ar fortemente. Ryan mantinha-se calado. Suas últimas palavras foram "... Mas só lá na pedra..." O que a esperava? Caminhando na trilha fez uma retrospectiva dos acontecimentos. O rapaz à sua frente era extremamente lindo, irresistível, cujos olhos a enfeitiçavam, entretanto uma nuvem negra o cercava, uma nuvem negra chamada Pedro. Uma pontada fina atingiu seu coração. Tocou levemente o canto dos olhos, não queria que Ryan a visse chorando. Cenas de Chenara, de Dona Vilma, de Lian invadiam sua mente apavorando-a. O corpo de Lian estirado nos degraus da escada, seus esvoaçantes cabelos vermelhos... "A menininha enfeitiçou você?" Trouxe à memória as palavras dela naquela maldita noite, onde descobrira que o amor da sua vida fora o algoz de seu irmão, o destruidor de sua família. E quanto a seu Armando, às vezes voltava atrás em sua decisão e ainda cogitava em visitá-lo na prisão, mas temia que essa ferida pudesse se abrir ainda mais. A dor que sentia já era suficiente.

A alguns metros avistou a pedra, ao redor dela a vegetação continuava da mesma maneira que naquela tarde.

 Venha, Clara! — disse finalmente, puxando-a pela mão e ajudando-a a escalar a rocha.

O coração da menina pulava dentro do peito, talvez fosse a hora de contar-lhe sobre o vestibular e a universidade, teria que fazer uma escolha e Ryan deveria saber.

Ryan se acomodou na pedra. Clara hesitante sentou ao seu lado.

A menina pode sentir o rapaz expirar profundamente, um vento leve roçou-lhe os cabelos, sua pele exalou o perfume que a embebedava.

— Clara, — disse ele. Ela fixou os olhos naquele olhar obscuro, algo a fazia temer sobre o que pudesse dizer, mas desejava estar errada. — Clara, meu amor! Não quero mais viver longe de você, por favor, case comigo! — implorou. E tirou do bolso uma caixinha azul. Clara sentiu um tapa na cara, odiava-se profundamente, mais uma vez. Queria nesse momento o espelho.

A menina fechou os olhos, ele ali, à sua frente, com um par de alianças... Seu perfume novamente penetrava-lhe nas narinas seduzindo-a, lindo, perigosamente lindo!

— Clara, — disse mais uma vez e abrindo a caixinha — quer se casar comigo? Eu disse que chamar na porta da sua casa antes de entrar não seria a única mudança que eu faria por você, meu amor! Estou disposto a sair desse lugar, começar uma nova vida, ter um trabalho decente! Por você, meu amor!

O silêncio de Clara fez o sorriso do rapaz cair. Por que ela não respondia nada? Podia ver em seus olhos que ela também o amava.

- Preciso contar uma coisa, a dificuldade em falar era enorme, a maldita mão na garganta retornava, seu peito derretia, escorrendo por entre os órgãos. — Passei no vestibular, Ryan.
 - Que bom, Clara! Você estudou tanto, meu amor!

"Por que ele fazia as coisas serem ainda mais difíceis?" perguntou-se.

 Passei no vestibular de uma universidade... — pensou em parar, iria estragar tudo, mas não podia — em outro estado.

Ele parecia não entender exatamente onde ela queria chegar.

— É em tempo integral, a gente faz pesquisa para a universidade e em troca ela nos dá alojamento... — um peso saiu-lhe dos ombros, mas seu coração estava em pedaços.

A mão que segurava a caixinha das alianças pousou na pedra. Continuava aberta, deixando as alianças reluzirem.

- Então você vai embora, é isso que está tentando dizer?
- Ainda não sei.

Ele sorriu sarcástico.

- Você já fez sua escolha. Seus olhos dizem isso.
 concluiu
 Inocência a minha achar que você casaria com um traficante! E justo o que destruiu a sua família.
- Não diga isso, Ryan, eu te amo! as lágrimas se precipitavam do rosto dela como cascatas cientes de seu percurso. Tocou suavemente o rosto dele. O rapaz se desfez da mão da menina deixando-a desesperada Não faça isso, por favor! implorou. Eu te amo, sua vida é minha vida... não consigo mais ficar sem você, sem seu perfume...

De um salto o rapaz se levantou. Ao longe era possível ver a comunidade, assim como da primeira vez que a garota estivera ali. Hoje o céu não estava nublado.

Olhou para a caixinha que agora estava fechada, apertou-a na mão.

— Clara, — o rapaz tomava forças — por favor, não me deixe... Não vá embora! — seus olhos negros brilhavam e pareciam maiores molhados pelas lágrimas.

A menina cerrou os olhos e expirou. Olhou para o céu. Mordeu os lábios a ponto de senti-los formigarem.

 Perdoe-me, meu amor, mas n\u00e3o posso... — disse contorcendo o rosto devido ao choro dolorido.

Em um lance ágil Ryan lançou a caixinha azul para longe.

Clara sentiu que cacos de seu coração acompanharam àquele par de alianças.

- Você pode me esperar... ainda tentou.
- O melhor para nós dois é esquecer que nos conhecemos. —
 e de um salto desceu da pedra. Começou a caminhar, já a alguns
 metros de distância da menina olhou para trás Espero que você
 consiga tudo o que deseja, e mais uma vez me perdoe por todo
 sofrimento que lhe causei.

Clara apenas chorava, desesperadamente chorava, chorava por ver o amor da sua vida desaparecendo de seus braços.



DESPEDIDA

s malas estavam arrumadas, o ônibus para a rodoviária passaria em alguns minutos. Foi ao banheiro, viu o espelho. Temia não levá-lo. Aqui fora o mundo machucava demais, mas precisava enfrentá-lo sozinha, por mais difícil que fosse. Por uns instantes fixou o espelho, novamente não entrou nele. Respirando fundo deu as costas a seu reflexo e foi pegar as malas, não podia perder o ônibus.

A dor no peito era lancinante, desde a conversa com Ryan, na mata, não o vira mais. Sentia falta de seus cabelos, de seu olhar perturbador.

Era hora de se despedir de Dona Vilma, após fazer a matrícula a universidade a chamara para um período de adaptação à rotina do campus. Seria uma novidade, levar os calouros antes dos alunos habituais para que começassem as atividades letivas já adaptados ao local.

Dona Vilma estava sentada à mesa, a velha cadeira de madeira estava descascada e surrada. A senhora não dizia nada, apenas esperava a filha sair do quarto.

— Por que você fez isso comigo? — disparou ao ver Clara entrando na cozinha com uma mochila escolar preta e uma mala vermelha com rodinhas, presente da patroa de sua mãe devido à aprovação no vestibular.

- Não estou entendendo, mãe.
- Por que você se envolveu com aquele traficante? Depois de tudo que passamos... Depois da morte do seu irmão, da prisão do seu pai... Vivemos um inferno por causa de pessoas como ele! — esbravejou, apoiando os cotovelos na mesa, ofegante por chorar. — Os vizinhos me contaram. — e pareceu dar-se por vencida.

Clara não teve forças para responder, sabia que apunhalara sua mãe, a mulher que com tanto sacrifício deu-lhe condições de estudar e a sustentara, abrindo mão de sua própria vida. Sentiu-se o pior verme. Beijou-a e foi embora, fechando a porta suavemente atrás de si. Agradeceu a Deus pelo fato de sua mãe não conhecer a relação entre Ryan e Pedro.

Descendo as escadas da comunidade não conseguia acreditar no rumo que tomara sua vida. O local onde encontrara Lian morta, os encontros com Ryan... A dor de sua mãe. Parou um instante e prendeu o cabelo que insistia em grudar-lhe no rosto, molhado pelas lágrimas.

Clara.

Uma voz quase inaudível arrepiou seus pelos, seu corpo amolecera.

O rapaz caminhou em sua direção, o rosto parecia petrificado, não disse nada, apenas a comprimiu entre seus braços e a beijou desesperadamente.

Olhou no fundo dos olhos dela, como de costume a sensação era que conhecia seus pensamentos, deu um último beijo de despedida e subiu as escadarias sem dizer palavra alguma.

Clara buscou forças dentro de si mesma, esfregou a mão no nariz e secou as lágrimas, seguiu rumo ao ponto de ônibus.







Emanuelle Florese Garcia (Nelly Garcia), professora, mora na cidade de Castelo, interior do Espírito Santo. Formada en Letras e Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura, começou a escrever suas primeiras histórias quando tuha 10 anos, após ganhar uma caneta colorida de sua mão.

É apaixonada por livros...
e devora-os, quando são
bons. "O livro, para serbom,
tem que prender a atenção
do leitor de forma a deixá-lo
desesperado para chegar ao
final da história. Se não for
asaim, já era... impossível

continuar a leitura."

Adora animais, especialmente sua cadela Belinha,
assistir filmes e viajar.
Considera-se uma moleca.
Casada com Marcos Bento.

Uma garota de 17 anos que enxerga nos estudos uma saída... Uma comunidade carente... Uma familia destruída... Um rapaz de olhos

assustadores...
Clara fará a maior de todas as escolhas:
seguir o coração ou realizar seu sonho...

Mas algo nele a atraía, era mais forte, seus olhos...

Desejava sua companhia, seu toque...

"O que estou fazendo comigo mesma?

- desesprou-ac Clara."

Você me persegue em pensamentos... Inferno, garotal
 Ryan afastou-se. Ficou de costa para ela com uma das
máos esticada e apoiada na parede.
A cabeca deitada no braco. Confuso com seus próprios

pensamentos.
"Clara ainda sentia medo, mas a atração pelo
rapas era mais forte."

"- Se você fizer todas as lágrimas que derramel voltarem... talvez eu possa perdoá-lo. - e caiu ajoelhada...".

APOIO CLITURAL

REALIZAÇÃO





